



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
MESTRADO EM GÉNERO E DESENVOLVIMENTO

**Empreendedorismo Feminino e Desenvolvimento Comunitário: Estudo de
Caso do Povoado de Chitsombelane**

Mestranda: Buci Arsénia Agostinho Novela

Supervisor: Prof. Doutor Orlando Nipassa

Maputo, Outubro de 2025

**Empreendedorismo Feminino e Desenvolvimento Comunitário: Estudo de Caso do
Povoado de Chitsombelane**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau
de Mestre em Género e Desenvolvimento na Faculdade de Letras e Ciências Sociais,
Universidade Eduardo Mondlane

Mestranda:

Buci Arsénia Agostinho Novela

Supervisor:

Prof. Doutor Orlando Nipassa

Maputo, Outubro de 2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

Empreendedorismo Feminino e Desenvolvimento Comunitário: Estudo de Caso do Povoado de Chitsombelane

Supervisor:

Prof. Doutor Orlando Nipassa

Mestranda:

Buci Arsénia Agostinho Novela

Júri

Supervisor:	Presidente:	Arguente:
Prof. Doutor Orlando Nipassa _____	Prof. Doutor Augusto Guambe _____	Doutora Margarida Paulo _____

Maputo, Outubro de 2025

ÍNDICE

DECLARAÇÃO DE HONRA.....	i
DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	iv
LISTA DE MAPAS E FIGURAS	v
RESUMO	vi
ABSTRACT.....	vii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – ESTADO DE ARTE SOBRE EMPREENDEDORISMO FEMININO E SEU CONTRIBUTO NO DESENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES	4
1.1. O Empreendedorismo Feminino como alavanca para o desenvolvimento comunitário ..	4
1.1.1. Do empoderamento feminino ao empreendedorismo feminino	6
1.1.2. O empreendedorismo feminino e a melhoria das condições de vida das Mulheres .	7
1.1.3. Questões sócio-culturais que definem a posição da mulher em Moçambique	11
1.1.4. Articulação entre os diferentes autores e nossa posição em torno do estado de Arte em Moçambique.....	13
1.2. Problema de Pesquisa	14
1.3. Objectivos da dissertação	16
1.4. Hipótese.....	16
CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEITUAL	17
2.1. Género como uma categoria útil para a análise histórica	17
2.2. Teoria do Sujeito	18
2.3. Conceptualização	19
2.3.1. Empreendedorismo	19

2.3.2. Desenvolvimento Comunitário	20
CAPÍTULO III – METODOLOGIA	22
3.1. Tipo de Pesquisa	22
3.2. Técnicas de recolha de dados	23
3.3. População e amostra	23
3.4. Trabalho de campo	24
3.5. Técnicas de análise de dados.....	24
3.6. Princípios éticos	25
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	26
4.1. Localização da área de estudo	26
4.3. Caracterização económica, social e cultural da área de estudo	27
4.4. Características do empreendedorismo feminino no povoado de Chitsombelane	30
4.5. Participação das mulheres no povoado de Chitsombelane em actividades empreendedoras	31
4.5.1. Dos Empecilhos culturais à afirmação das mulheres através do empoderamento feminino	35
4.6. A contribuição do empreendedorismo feminino no desenvolvimento comunitário do povoado de Chitsombelane	37
5. Considerações Finais.....	40
Referências Bibliográficas	42
Apêndices.....	47

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Buci Arsénia Agostinho Novela, declaro por minha honra que esta dissertação que submeto à Universidade Eduardo Mondlane como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Género e Desenvolvimento, nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer outro grau académico. A presente dissertação resulta da minha investigação, sob orientação do meu supervisor, estando as citações utilizadas indicadas no texto e nas referências bibliográficas.

Maputo, _____ de _____ de 2024

Mestranda

Buci Arsénia Agostinho Novela

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação ao Soberano Deus, criador de todas as coisas, pois sem a direcção divina eu não teria concluído o presente trabalho. À minha Família por todo o suporte dado ao longo da formação.

AGRADECIMENTOS

“Outro Deus como o Senhor não há”. Agradeço em primeiro lugar a Deus todo poderoso por me ter mantido firme nesta caminhada da elaboração da minha dissertação com saúde, forças e energias para chegar até ao fim. O dom da vida para poder concluir o meu curso leva-me sempre a agradecer a DEUS porque tenho certeza que somente com sua vontade é que termino essa etapa.

À Universidade Eduardo Mondlane (UEM), que através de suas parcerias, me deu a oportunidade de beneficiar de uma bolsa de Estudos para frequentar o curso de mestrado em Género e Desenvolvimento, financiado pelo programa SIDA/SAREC do subprograma 2.1.2.

Agradecimentos especiais ao meu Supervisor, o Professor Doutor Orlando Nipassa, pelo acompanhamento científico ao longo da pesquisa desta dissertação e que mesmo diante das adversidades no processo e, intensidade na sua rotina de vida académica e profissional, sempre manifestou total apoio e colaboração para o cumprimento de todas as fases desta dissertação.

Dum modo geral agradeço a todos os professores do Mestrado em Género e Desenvolvimento que com seus conhecimentos contribuíram para a minha formação académica.

Agradeço a todas as mulheres que tiaram seu tempo para conceder-me entrevistas e com as suas experiências contribuíram para o sucesso da recolha de dados, que resultou nesta dissertação.

Agradeço ao meu grande amigo (Renato Cassamo) pelo apoio incondicional e, aos meus filhos (Eversson e Blerysson) que sempre estiveram presente em todos os momentos e por compreenderem algumas ausências durante o tempo de formação. Aos meus pais (Agostinho e Coleta), irmãos, amigos e colegas de trabalho, pelo apoio e incentivo que serviram de alicerce para as minhas realizações. Aos meus colegas da Primeira Edição do Curso de Mestrado em Género e Desenvolvimento (2021-2023), pela troca de ideias e ajuda mútua, juntos conseguimos avançar e ultrapassar todos os obstáculos. Agradeço, profundamente a todos!

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEDAW	Convenção das Nações Unidas para a Eliminação de Todas as formas de Discriminação Contra Mulheres
DC	Desenvolvimento Comunitário
HIV	HumanImmunodeficiencyVirus
ODS	Objectivos do Desenvolvimento Sustentável
ONG's	Organizações Não-Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
OIT	Organização Internacional do Trabalho
SADC	Southern Africa DevelopmentCommunity
SIDA	Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
WLSA	Women Law in Southern Africa

LISTA DE MAPAS E FIGURAS

Mapa 1: Localização geográfica do povoado de Chitsombelane.....	26
Figura 1. Agricultura familiar em Chitsombelane.....	27
Figura 2. Habitações de Chitsombelane - casas tipo “pau a pique”.....	28
Figura 3. Evolução das habitações em consequência da contribuição das mulheres em Chitsombelane.....	33

RESUMO

A presente dissertação analisa a questão do empreendedorismo feminino e o desenvolvimento comunitário. Especificamente, buscou-se compreender a contribuição do empreendedorismo feminino nos processos de desenvolvimento comunitário do povoado de Chitsombelane, distrito de Mandlakazi, Província de Gaza. Em Chitsombelane na localidade de Mapandane, área escolhida para o presente estudo verifica-se que as mulheres ainda enfrentam barreiras culturais que as limitam e as colocam como simples donas de casa, reservadas a trabalhos caseiros, relegadas apenas à convivência com a família em tarefas de mãe e esposas, para além de limitações de acesso a escola e aos recursos financeiros. Porém, com recurso as perspectivas teóricas de Joan SCOTT (1994) sobre *Género como uma categoria útil para a análise histórica* e a teoria de *Sujeito* de Alain TOURAINE (2007) demonstrou-se que quando as mulheres assumem o sentido de protagonismo nas suas vidas conseguem desmistificar as noções de género existentes e se afirmam como sujeitos de direitos capazes de desenvolver actividades empreendedoras com vista ao desenvolvimento da comunidade a que pertencem. Para a realização da presente pesquisa, foi usada uma metodologia qualitativa alicerçada em entrevistas semiestruturadas. Da análise efectuada sobre os dados concluiu-se que o empreendedorismo feminino contribui para o desenvolvimento comunitário no povoado de Chitsombelane porque cria postos de trabalho para os cidadãos locais, incrementa a distribuição da renda e melhora o poder de compra das mulheres.

Palavras-chave: Empreendedorismo feminino; Empoderamento feminino; Desenvolvimento comunitário, Práticas culturais.

ABSTRACT

The present dissertation analyze the issue of female entrepreneurship and community development. Specifically, we sought to understand the contribution of female entrepreneurship in the community development processes of the village of Chitsombelane, Mandlakazi district, Gaza Province. In Chitsombelane in Mapandane, an area chosen for the present study, we have noticed that women still face cultural barriers that limit them and place them as simple housewives, destined for house chores, relegated only to living with the family in tasks of mother and wives, in addition to limitations of access to school and financial resources. However, using Joan SCOTT (1994) theoretical perspectives on *Gender as a useful category for historical analysis* and Alain TOURAINE (2007) *Subject* theory, it was demonstrated that when women assume the sense of protagonism in their lives, they can demystify existing notions of gender and assert themselves as subjects of rights capable of developing entrepreneurial activities with a view to the development of the community to which they belong. To carry out this research, a qualitative methodology based on semi-structured interviews was used. From the analysis of the data, it was concluded that female entrepreneurship contributes to community development in the village of Chitsombelane because it creates jobs for local citizens, increases the distribution of income and improves the purchasing power of women.

Key words: Female entrepreneurship; Female empowerment; Community development, Cultural practices

INTRODUÇÃO

A presente dissertação analisa a contribuição do empreendedorismo feminino no desenvolvimento comunitário. Ciente das contribuições que as mulheres podem dar nos processos de desenvolvimento das comunidades, o seu envolvimento em várias áreas de actividades tem sido vista como uma forma de garantir a construção duma sociedade justa, igualitária e que pauta pela inclusão de todos os segmentos da sociedade (VIDAL, 2017).

O mundo vem discutindo propostas para assegurar o desenvolvimento económico, ambiental, social e cultural de forma sustentável. Neste debate adiciona-se o quinto (#05) Objectivo do Desenvolvimento Sustentável (ODS) que busca assegurar a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres em todas as esferas sociais (ODS, 2018).

Contudo, mesmo com a ratificação de alguns instrumentos legais como os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável e o protocolo da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) sobre Género e Desenvolvimento que procuraram garantir os direitos humanos das mulheres, problematizando o seu lugar e a sua participação na sociedade, ainda verifica-se uma certa discrepância entre a lei e a prática (VIDAL, 2017). Por exemplo, a condição das mulheres em África, no geral, e em Moçambique, em particular ainda é condicionada por questões estruturais, socioeconómicas e culturais (UNAIDS, 2014).

No povoado de Chitsombelane, na localidade de Mapandane, distrito de Mandlakazi, na província de Gaza, área escolhida para o presente estudo, as mulheres ainda enfrentam barreiras culturais que as limitam e as colocam como simples donas de casa, reservadas a trabalhos caseiros (relegadas apenas à convivência com a família em tarefas de “mãe” e “esposa”), para além de limitações de acesso a escola e aos recursos financeiros, consequentemente com menos capacidades de empreender e contribuir para o desenvolvimento comunitário pelo trabalho remunerável.

Deste levantamento, nota-se que a questão da igualdade de género e da inclusão das mulheres em actividades remunerativas ainda é um desafio ao nível das nossas comunidades. Neste prisma, colocamos como objectivo geral deste estudo a necessidade de analisar a contribuição do empreendedorismo feminino no desenvolvimento comunitário no povoado de Chitsombelane, distrito de Mandlakazi, Província de Gaza.

Com recurso as perspectivas teóricas de Joan SCOTT (1994) sobre *Género como uma categoria útil para a análise histórica* e a teoria de *Sujeito* da autoria de Alain TOURAINE (2007) demonstra-se que quando as mulheres assumem o sentido de protagonismo nas suas vidas conseguem desmistificar a noção de género e se afirmam como sujeitos de direitos capazes de desenvolver actividades empreendedoras com vista ao desenvolvimento da comunidade a que elas pertencem.

As razões para a realização dessa pesquisa foram três. A primeira motivação foi de ordem científica, a segunda de ordem pessoal e a terceira de ordem social.

Sob ponto de vista científico a presente dissertação afigura-se relevante pela análise das formas de subjugação e opressão que operam contra as mulheres e a capacidade que estas têm de superar tais obstáculos quando se afirmam como sujeitos de direitos, capazes de exercer sua autonomia e demonstrar a forte contribuição que dão na sociedade.

Sob ponto de vista pessoal a motivação para a realização da presente pesquisa, fundamentou-se nas constantes visitas realizadas à província de Gaza, concretamente em Chitsombelane, onde verifiquei que a maior parte das mulheres não participavam na vida pública e em actividades de geração de rendimento por se confinar mais na esfera privada com lídes domésticas. E numa altura em que se fala sobre o empoderamento da mulher e a necessidade da sua participação na sociedade, achei interessante desenvolver a presente pesquisa de modo a sublinhar a realidade daquelas que se tem envolvido no empreendedorismo e até que ponto esse envolvimento tem fomentado os processos de desenvolvimento das comunidades. Ademais, sou uma mulher empreendedora e conheço as potencialidades que o empreendedorismo trás para a família e para a sociedade.

Numa vertente social, espero que a presente pesquisa exponha a realidade vivenciada por muitas mulheres e consiga influenciar vários segmentos sociais para que continuem a lutar em prol da emancipação e empoderamento da mulher.

Para a concretização desta pesquisa foi usada uma metodologia qualitativa que nos permitiu a realização de revisão bibliográfica e entrevistas semiestruturadas com mulheres que abraçaram o empreendedorismo feminino no povoado de Chitsombelane.

Estrutura da dissertação

Em termos de estrutura esta dissertação compreende quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos o estado de arte sobre o empreendedorismo feminino e a sua contribuição no desenvolvimento das comunidades. No segundo capítulo colocamos expositivamente as perspectivas teóricas de Joan SCOTT (1994) sobre *Género como uma categoria útil para a análise histórica* e a teoria de *Sujeito* da autoria de Alain TOURAINE (2007) que destacam o carácter social da noção de género e a capacidade que as mulheres têm de se afirmarem em diferentes contextos socioculturais.

No terceiro capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos que acompanharam a realização da presente pesquisa, onde fizemos menção do tipo de estudo, das técnicas de recolha de dados, população e amostra; trabalho de campo; técnicas de análise de dados e descrição dos princípios éticos.

Por fim, no quarto capítulo fizemos a análise e discussão dos resultados, destacando as características do empreendedorismo feminino em Chitsombelane e a participação que as mulheres empreendedoras dão para o desenvolvimento da sua comunidade.

CAPÍTULO I – ESTADO DE ARTE SOBRE EMPREENDEDORISMO FEMININO E SEU CONTRIBUTO NO DESENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES

Neste capítulo, apresentamos o estado de arte sobre o empreendedorismo feminino e seu contributo no desenvolvimento das comunidades. Para o efeito, destacamos os seguintes subtítulos: empreendedorismo feminino como alavanca para o desenvolvimento comunitário; empoderamento feminino e empreendedorismo feminino; empreendedorismo feminino e melhoria das condições de vida das Mulheres; questões sócio-culturais que definem a posição da mulher em Moçambique e por fim, fazemos a articulação entre os diferentes autores debatidos na literatura e paralelamente estabelecemos a nossa posição sobre a matéria.

1.1. O Empreendedorismo Feminino como alavanca para o desenvolvimento comunitário

O empreendedorismo feminino é o incentivo e apoio às mulheres que querem ter o seu próprio negócio e/ou ocupar cargos altos dentro das organizações. Essa ideia é voltada a mulheres que tem uma visão de futuro diferente das demais, pensando em como o trabalho duro e esforço serão compensados no fim (ANTUNES et al., 2022).

Segundo BENEMOND (2017:25) o século XX, marcado pelo crescimento da indústria, da urbanização e, principalmente dos movimentos feministas, consolidou fortemente a posição da mulher perante a sociedade. A visão antiga de que as mulheres eram conduzidas para fins domésticos vem mudando desde então. O fim da I e II Guerra Mundial contribuiu para a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Segundo JONATHAN (2011), na actualidade a forte presença feminina no mercado aumenta a projecção das mesmas no acto de empreender. Perante essa reflexão, o que levou as mulheres a optarem pelo empreendedorismo é a sobrevivência, o não contentamento com a liderança masculina, a oportunidade de um nicho de mercado, o prazer de enfrentar desafios e de tomar as próprias decisões associadas principalmente ao contentamento.

O empoderamento feminino é directamente influenciado pelo feminismo radical e surgiu a partir do termo em inglês “*empowerment*”, que significa autonomia para tomar as próprias decisões (HOROCHOVSKI, 2006).

A motivação para empreender dos homens e das mulheres é distinta. FERNANDES (2015) *apud*

BENEMOND (2017:25) refere que “(...) os homens são motivados por ganhos financeiros, auto-realização e autonomia, enquanto para as mulheres, o *status* é um factor de motivação adicional significativo”. ANTUNES et al., (2022) quanto as particularidades das mulheres em influenciar as outras e a comunidade no empreendedorismo, refere que:

“As mulheres têm o poder de influenciar uma à outra. Seja pelo modo que conduz o seu negócio ou o motivo pelo qual começou a empreender. Esse tipo de incentivo é comum dentro de uma comunidade. A ideia de que se aquela pessoa pode, eu também posso. É um aprendizado quando se trata de “mulheres empreendedoras”. Não é mais incomum notar que elas agora estão à frente dos negócios, mas ainda existe certa “resistência” para aceitar. Isso porque as mulheres ainda estão conquistando aos poucos o espaço que antes pertencia apenas aos homens” (ANTUNES et al., 2022).

Segundo ANTUNES et al., (2022) a geração das mulheres empreendedoras aumenta a cada dia. Seus negócios crescem e ficam conhecidos na sua cidade, assim, gerando reconhecimento não apenas para si como também para o lugar em que moram. Não se esquecendo das novas geradoras de emprego que a sociedade precisa. O autor vai além afirmando que:

“A necessidade de falar sobre empreendedorismo e através disso influenciar outras mulheres a empreender, é mais que a vontade de fazê-las crescer no mercado de trabalho. O objectivo principal é mostrar que unindo todas essas acções, os impactos económicos sofreram grandes mudanças e essas mudanças irão ser por conta das mulheres. O mundo precisa de mulheres fortes e inovadoras para que assim tenha uma mudança real no cenário actual. Além de trazer toda a importância do empreendedorismo feminino nos dias actuais necessitando de mais apoio e desenvolvimento” (ANTUNES et al., 2022).

O empreendedorismo feminino é uma peça fundamental para a dinâmica do comércio local. Isso porque uma pequena cidade se sustenta com os comércios locais e quanto maior a abertura dessas cidades, maior será a sua dinâmica económica. E em muitos casos as mulheres é que estão à frente na abertura dos negócios. Sejam eles em estabelecimentos próprios ou em sua residência (ANTUNES et al., 2022).

Devido às características singulares das mulheres e seu espírito naturalmente materno, as empreendedoras apresentam perfis distintos dos empreendedores masculinos. As líderes

femininas, ao trabalharem em grupo, tendem a cooperar mais do que competir. Elas se colocam no lugar dos outros, escutam a equipe e encorajam discussões abertas, se comovem com os sentimentos alheios o que aumenta a comunicação dentro do grupo, compartilham dados pessoais e reconhecem a consequência de determinadas acções (MUNHOZ, 2000).

Uma outra qualidade das mulheres que se destaca no contexto do empreendedorismo tem a ver com a sua dedicação e comprometimento nos seus empreendimentos. Segundo JONATHAN (2005) é esse comprometimento que as faz trabalharem com afinco com vista a promoção do desenvolvimento aonde se encontram inseridas.

1.1.1. Do empoderamento feminino ao empreendedorismo feminino

O empoderamento feminino tem seu eco nos movimentos feministas e segundo SARDENBERG (2009) pode ser compreendido nos seguintes termos:

“Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da auto-determinação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de género, da opressão patriarcal. O objectivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com a ordem patriarcal que sustenta a opressão de género. Isso não quer dizer que não queiramos também acabar com a pobreza, com as guerras, etc. Mas para nós o objectivo maior do “empoderamento” é destruir a ordem patriarcal vigente nas sociedades contemporâneas, além de assumirmos maior controle sobre nossos corpos, nossas vidas” (SARDENBERG, 2009).

De acordo com o exposto, percebe-se que o empoderamento feminino pode contribuir para o desenvolvimento de atitudes que levem as mulheres a praticar o empreendedorismo e a demonstrar em termos práticos suas capacidades criativas, ligadas aos processos de geração de rendimento. Mais ainda, o empoderamento feminino eleva a consciência colectiva das mulheres e expressa acções que garantam o fortalecimento da equidade de género.

[https://impacthubcuritiba.com/empoderamento-feminino/.](https://impacthubcuritiba.com/empoderamento-feminino/)

1.1.2. O empreendedorismo feminino e a melhoria das condições de vida das Mulheres

O fim da I e II Guerra Mundial contribuiu para a inserção da mulher no mercado de trabalho. As mulheres que ficavam viúvas ou as de classe empobrecida que precisavam de garantir o seu auto-sustento e de seus filhos faziam doces por encomendas, arranjo de flores, bordados e crivos, davam aulas de piano, etc. Contudo, o autor destaca também as dificuldades que as mulheres enfrentavam nessas actividades porque nesse período eram mal vistas pela sociedade (BENEMOND, 2017).

FIALHO (2012) no seu estudo denominado “Projecto de Intervenção: Empreendedorismo Feminino no Poder Local” refere que empreendedorismo feminino é visto pela Comissão Europeia como um motor de inovação, competitividade e crescimento e, neste estudo encara-se o empreendedorismo feminino na perspectiva da participação equilibrada de homens e mulheres na política e no poder local. Sendo que também nesta área, empreender é mais fácil para os homens do que para as mulheres por condicionalismos culturais.

No seu estudo, FIALHO (Idem) olha para o empreendedorismo feminino virado para a sub-representação das mulheres no poder e nos processos de tomada de decisão. Salienta que quando as mulheres se envolvem activamente em actividades de geração de rendimento como é o caso do empreendedorismo, elas conseguem participar de forma mais proactiva na vida pública da sua cidade.

O contributo do empreendedorismo feminino no empoderamento socioeconómico da mulher na cidade de Pemba, em Moçambique, SAMUEL (2022) levantou uma questão que lhe inquietou sobre como é que o negócio pode ajudar a mulher a alcançar o empoderamento social e económico? Este aspecto surgiu da observação de que o número de empreendedoras na cidade de Pemba aumentou significativamente nos últimos tempos. Mas também surgiu da necessidade de verificar se o número crescente de empreendedoras é proporcional ao desenvolvimento económico e social das empreendedoras.

As empreendedoras com que o autor entrou em contacto para saber o sentimento delas em relação ao respeito dos direitos da mulher, destacaram a consideração e respeito dos seus direitos como mulheres. Assim, 38 empreendedoras que correspondiam à 50.7% consideravam que depois de entrar no mundo dos negócios ganharam mais consideração na família e assim como na sociedade

onde vivem. Consideravam-se felizes porque elas já ganhavam um certo *status* social fruto do empoderamento económico que conquistaram (SAMUEL, 2022). Adicionado às conclusões do estudo de SAMUEL (2022), importa referir que:

“A maior parte das empreendedoras pesquisadas afirmaram que encontram uma grande satisfação ao desenvolver o seu negócio. Assim, acredita-se que, o incentivo às iniciativas do cooperativismo, que integrem o trabalho de mulheres pobres, com o apoio da sociedade civil organizada e a promoção de iniciativas empreendedoras para as mulheres, pode ajudar a criar e desenvolver actividades geradoras de renda e emprego decente e sustentável. Aumentar poupanças e investimentos familiares, melhorar o bem-estar social e económico levando em consideração a necessidade de eliminar todas as formas de discriminação e contribuir para um desenvolvimento humano sustentável” (SAMUEL, 2022).

Ainda de acordo com o mesmo autor:

“O aumento do rendimento económico trouxe também vantagens sociais para as empreendedoras pesquisadas porque segundo elas ganharam mais autonomia, mais consideração dentro da família como na sociedade, adquiriram o direito de participar plenamente nas reuniões familiares, nos fóruns sociais e governamentais, isto é, o direito de participar e de expressar a sua opinião nessas reuniões” (SAMUEL, 2022).

Outro estudo similar de FRANCISCO (2010), refere que “uma maior redução da pobreza em Moçambique implica uma mudança de recursos e oportunidades para a zona rural onde vive a maior parte das populações. Um dos recursos fundamentais é a educação e formação. O nosso sistema de educação deve começar a formar empreendedores e munir os indivíduos do saber fazer.

SUSANNE, FINNEGAN e HASPELS (2013) realizaram um estudo que resultou na compilação de um Manual de formação em Género e Empreendedorismo denominado *Um Passo Em Frente: Mulheres e Empreendedorismo* com objectivo de apoiar as organizações parceiras da Organização Internacional do Trabalho (OIT) na promoção do desenvolvimento empresarial de mulheres de recursos escassos que pretendiam iniciar pequenos negócios ou que já criaram negócios de pequena dimensão.

Os autores referem que o imperativo da promoção do empreendedorismo feminino é porque

promove o empoderamento económico e social das mulheres:

- **Empoderamento económico**, porque as mulheres pobres responsáveis pelos rendimentos têm, normalmente, poucas oportunidades de acesso à educação e à formação. Muitas vezes têm uma sobrecarga de dois ou três trabalhos, conjugando as actividades económicas com a realização das tarefas domésticas e o acompanhamento à família. Necessitam de competências de gestão e de negociação para que possam transformar, a longo prazo, as suas actividades de subsistência em negócios mais produtivos e lucrativos (SUSANNE, FINNEGAN e HASPELS, 2013).
- **Empoderamento social**, porque em muitos países as mulheres têm um estatuto mais baixo do que os homens. Muitas mulheres ficam em casa, mantendo pouco contacto com o mundo exterior, e deparam-se com dificuldades de mobilidade e de integração. As mulheres necessitam de criar confiança e competências de integração, para poderem assumir o seu livre arbítrio e apoiarem-se nas suas próprias forças (SUSANNE, FINNEGAN e HASPELS, 2013).

Quando uma mulher inicia um negócio, o maior obstáculo será, muitas vezes, as atitudes dos outros em relação aos seus esforços, incluindo os seus próprios familiares. Por vezes, a própria percepção que a mulher tem de si e das suas capacidades pode ser um problema. Aqui, insere-se o receio de não ser levada a sério e uma grande falta de autoconfiança que afecta muitas mulheres, fruto, sobretudo, do seu baixo grau de instrução, da falta de competências técnicas e empresariais, experiência laboral insuficiente e também devido à capacidade limitada de expressão das mulheres na sociedade em que estão inseridas (SUSANNE, FINNEGAN e HASPELS, 2013).

As organizações de mulheres podem ter um papel importante na promoção de diversos aspectos que levem as mulheres a empreenderem e a contribuir para o seu empoderamento económico. Nos negócios, existem muitas redes informais dominadas por homens no seio de indústrias específicas, e as mulheres encontram-se em desvantagem, pois, muitas vezes, não se sentem à vontade para aderir a estas redes, ou são formal ou informalmente excluídas delas. É por isso que as redes integradas de mulheres se tornaram numa alternativa eficaz e segura a muitas redes masculinas (SUSANNE, FINNEGAN e HASPELS, 2013).

NHANTUMBO (2019) realizou um estudo denominado *Trajectórias de Mulheres Empreendedoras num bairro da cidade de Maputo*. O trabalho analisa as trajectórias de algumas

mulheres empreendedoras no bairro central, na cidade de Maputo, Moçambique. Mostra que a extensa rede de relações sociais historicamente construídas ao longo da vida das mulheres, constitui um aspecto determinante para introduzi-las no empreendedorismo. O seu envolvimento nas diversas redes sociais de carácter económico e virtual, bem como com instituições financeiras, mostrou-se ser de grande importância para a manutenção das suas actividades. O autor conclui que a extensa rede de relações sociais historicamente construída ao longo da vida das mulheres, isto é, as trajectórias sociais das empreendedoras, foram aspectos determinantes para introduzi-las no empreendedorismo. As empreendedoras possuem trajectórias assaz distintas, pois vários factores concorreram para o seu ingresso no mundo dos negócios, tais como, as qualificações educacionais, oportunidades e a operacionalização de habilidades assimiladas no espaço doméstico.

O estudo também constatou que para a manutenção das suas actividades as empreendedoras envolvem-se em diversas redes sociais de carácter económico, como é o caso do xitique, de carácter virtual, assim como, com instituições financeiras, com a finalidade de poupar, aceder a financiamentos e fazer propaganda de seus serviços.

Por seu turno, ANTUNES (2022) fez um estudo sobre o Empreendedorismo feminino. No referido estudo, depreendeu que as mulheres têm o poder de influenciar uma à outra. Seja pelo modo que conduz o seu negócio ou o motivo pelo qual começou a empreender. Esse tipo de incentivo é comum dentro de uma comunidade em que exista a ideia de que se aquela pessoa pode, eu também posso. O Brasil está em aprendizado quando se trata de “mulheres empreendedoras”. O autor refere:

“Não é mais incomum notarmos que elas agora estão à frente dos negócios, mas ainda existe certa “resistência” para aceitar. Isso porque as mulheres ainda estão conquistando aos poucos o espaço que antes pertencia apenas aos homens. As mulheres têm se colocado a frente dos seus medos e inseguranças, esperando começar tudo de algum lugar. Os impactos económicos e sociais são verdadeiros e acontecem a cada momento quando uma mulher resolve empreender e a mesma consegue apoio ou entendem a forma de se iniciar o processo” (ANTUNES, 2022).

MUTINDI (2017) ao fazer a avaliação intermediária do projecto da ONU Mulheres sobre a expansão do papel das mulheres na produção agrícola e manejo de recursos naturais como estratégia para melhorar a segurança alimentar e resiliência às mudanças climáticas, constatou que

as intervenções desse Projecto em Chicualacuala, Mabalane, Guijá e Massingir contribuem para a mudança de atitude nas comunidades para a ceitação da capacidade feminina. O impacto das intervenções do Projecto ONU Mulheres na pecuária não é apenas no empoderamento das mulheres em actividades que melhoram seu *status* económico e resiliência às mudanças climáticas, mas também na redução dos estereótipos de género baseados em alguns tabus que marginalizavam as mulheres da política social e economicamente nos distritos visados.

Na sua obra *Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento*, AMORIM e BATISTA (2022) constataram que as mulheres no decorrer da história passaram a assumir tarefas que diferem do ambiente familiar e doméstico por conta das mudanças na sociedade e que possuem características similares e diversas na sua busca por seu lugar no mercado de trabalho, características estas decorrentes da trajetória do feminismo e na necessidade de sustentação da sociedade durante a 1ª e 2ª Guerra mundial. Os autores constataram que as mulheres tendem a empreender por necessidade de autonomia e sustento, com um estilo de gestão peculiar e, o resultado do empreendedorismo feminino gera empregos, expansão económica para a sociedade e crescimento pessoal, profissional e financeiro para elas.

Pode-se depreender que as características e habilidades natas do sexo feminino, unidas ao que ela absorve do sexo oposto, favorecem a administração de um negócio. E é preciso salientar que um empreendimento feminino gera o próprio emprego, mas também para os outros membros da comunidade a que pertence.

1.1.3. Questões sócio-culturais que definem a posição da mulher em Moçambique

No empreendedor observa-se que há vários empecilhos para desenvolver suas acções sejam pelos aspectos económicos, políticos, sociais e ou culturais. No caso das mulheres a necessidade de se dedicar aos negócios e, ao mesmo tempo, aos deveres domésticos pode se tornar estressante e desmotivador, sem falar nas barreiras naturais provenientes de uma sociedade machista em que o género masculino é visto como o líder nato, com autonomia para tomar as decisões (BENEMOND, 2017).

Os aspectos socioculturais da tradição moçambicana que definem o posicionamento das mulheres na sociedade são os sistemas de organização familiar, nomeadamente patrilinear (Sul do país) e matrilinear (Norte e Centro do país). Estes dois sistemas ditam as formas como as mulheres e

homens são socializados e, conseqüentemente, as posições de cada um na sociedade. São também aspectos culturais relevantes e parte da tradição o *lobolo*, a poligamia, os casamentos prematuros, os ritos de iniciação e os rituais de purificação das viúvas pelo país, entre outros (MAÚNGUE, 2020).

De modo geral, as relações de género em Moçambique, são caracterizadas pela posição subordinada das mulheres, quer nas comunidades patrilineares, quer nas matrilineares, na medida em que os costumes se assentam em formas de controlo social que priorizam o colectivo em detrimento do individual. Nestas organizações sociais, os papéis estão definidos com base nas relações de género que colocam as mulheres em posições subalternas e as definem como detentoras da tradição e conservadoras da cultura, isto é, elas são elementos-chave nos dois tipos de comunidade, mas sem poder algum. Neste sentido, a autonomia e emancipação das mulheres podem ser vistas como aspectos que ameaçam o âmago da estrutura tradicional, na medida em que deixam espaço de manobra para que as mulheres sejam actoras do seu destino, contrariando posições subalterna que lhe é conferida (COLLIER, 2007 *apud* MAÚNGUE, 2020: 5). Esse exercício de poder e subalternização da mulher actua essencialmente pela obediência, como refere OSÓRIO e MACUACUA (2013):

“O poder atua, assim, pela “obediência” consentida, pelo controlo da acção de outro, tendo em conta nos contextos em que se reproduzem, as estratégias e as respostas que são dadas pelo dominado. Isto significa que, para dominar, são desencadeados mecanismos que levam o sujeito a submeter-se ao seu estatuto de subordinado” (OSÓRIO e MACUACUA, 2013).

A cultura é, portanto, uma das componentes centrais para a análise do patriarcado enquanto estrutura e prática da dominação, isto é, pela cultura se legitima e se controlam as hierarquias de género. A cultura patriarcal é um sistema material e simbólico que implica controlo e violência contra ordem de género idealmente estabelecida (OSÓRIO e MACUACUA, 2013).

1.1.4. Articulação entre os diferentes autores e nossa posição em torno do estado de Arte em Moçambique

Na sociedade moçambicana, particularmente em Chitsombelane o empreendedorismo feminino concorre para a elevação do sentido afectuoso das mulheres fazendo com que estas venham a ter mais facilidades em interagir e promover mudanças na comunidade que passam por superar as barreiras socioculturais e a consequente afirmação das suas iniciativas empreendedoras (cf. BENEMOND 2017).

Entretanto, no desenvolvimento do seu raciocínio BENEMOND (Idem) peca por não trazer os grandes ganhos da emancipação da mulher e dos resultados dos movimentos feministas, mesmo que não fosse seu foco de estudo, há experiências assinaláveis como apresentam AMORIM e BATISTA (2022) no seu estudo, onde constataam que o empreendedorismo feminino gera empregos, expansão económica para a sociedade e crescimento pessoal, profissional e financeiro para a mulher empreendedora. Igualmente, estes autores destacam que os empreendimentos femininos, na sua maioria auxiliam na redução do desemprego e no aumento da renda familiar. E esses resultados entram na cadeia de multiplicação da economia local e desenvolve a comunidade.

FIALHO (2012) apesar de seu estudo estar focado no acesso ao poder e vida política das mulheres, refere um aspecto útil na actividade empreendedora de que nos revemos, relativo a necessidade de formação das mulheres para a sua participação. Uma ideia defendida também por FRANCISCO (2010), quando destaca a existência de profundas assimetrias entre homens e mulheres.

Na mesma linha de SAMUEL (2022), a nossa hipótese de estudo e a realidade do contributo do empreendedorismo feminino evidencia o facto de que as mulheres empreendedoras depois de entrarem no mundo dos negócios ganham mais consideração nas famílias e na sociedade. Ainda na linha deste autor, o empreendedorismo feminino trás vantagens para a economia local e para o empoderamento das mulheres. Por conseguinte, a partir do seu empreendedorismo a mulher contribui grandemente para o desenvolvimento da sua comunidade não apenas na dimensão económica como também social.

Outros estudos similares SUSANNE, FINNEGAN e HASPELS (2013) referem que promover o empreendedorismo é promover equilíbrio entre homens e mulheres, mesmo ciente das limitações que a mulher enfrenta desde a auto aceitação das suas capacidades, o receio de não ser levadas a sério e ainda o baixo nível de instrução que as mulheres particularmente da zona rural tem. O que

peça nestes autores é por não abordar a capacidade que as mulheres têm de superar seus medos, pois o mundo transformando-se em aldeia global tem testemunhado ganhos das mulheres, com a sua emancipação e superação dos medos, como afirma (ANTUNES, 2022) “as mulheres têm-se colocado a frente dos seus medos e inseguranças, esperando começar tudo de algum lugar”

Igualmente, para demonstrar estes ganhos subscrevemos MUTINDI (2017) ao referir as constatações do seu estudo que apontam que as mulheres podem facilmente desempenhar actividades tradicionalmente masculinas, e que as suas intervenções podem contribuir para a mudança de atitudes e comportamentos das comunidades. Em função dos resultados demonstrados pelas mulheres no empreendedorismo a comunidade pode acreditar ainda mais que o desenvolvimento se faz com a intervenção de todos os segmentos da sociedade.

Assim, o empreendedorismo feminino como determinante para a independência financeira das mulheres bem como para a sua participação e contribuição no desenvolvimento comunitário. É na base desta vertente que desenvolvemos o presente estudo reconhecendo a proactividade que as mulheres têm vindo a ter na busca pela superação de barreiras socioculturais que queiram constituir obstáculo para o seu empoderamento e efectiva participação no desenvolvimento comunitário.

1.2. Problema de Pesquisa

Como se pode depreender a partir da literatura anteriormente exposta, o envolvimento da mulher em actividades empreendedoras afigura-se relevante para que a mesma participe na vida socio-económica do seu povoado e por conseguinte, nos processos de desenvolvimento comunitário.

No entanto, no povoado de Chitsombelane, distrito de Mandlakazi as mulheres deparam-se com o problema de serem relegadas ao trabalho caseiro. Ser mulher é sinónimo de ser dona de casa no sentido de estar confinada a lídes domésticas, várias mulheres não tem tido espaço para trabalhar ou empreender. Neste povoado, as poucas mulheres que estão inseridas no processo de produção para contribuir no desenvolvimento comunitário são aquelas que são solteiras, divorciadas ou viúvas, que não estão directamente envolvidas em um vínculo matrimonial sob dominação masculina (KERBERG, 2015). Quando as mulheres pensam em fazer *Xitique*¹ (poupança rotativa)

¹ É um costume das mulheres em Moçambique, principalmente na zona sul do país fazerem poupança rotativa como forma de realizar parte dos seus sonhos. Com o dinheiro que guardam compram artigos para sua vida feminina como

têm limitações pois, estando excluídas na esfera produtiva, a única alternativa que têm é pedir dinheiro aos maridos para participarem da poupança rotativa.

Por seu turno, MACAMO (2003) em sua obra *os sentidos da tradição: dinâmicas da mudança no mundo rural em Moçambique* faz menção a esta realidade ao referir que “as práticas culturais no meio rural colocam a mulher numa situação de desvantagem pois, limitam-nas no acesso a educação, emprego e, conseqüentemente, na participação da vida pública, pois, nas tradições e através dos ritos de iniciação, as mulheres são incentivadas a casar e a cuidar de casa”.

Nesta senda, as receitas da família são unicamente provenientes dos maridos (maioritariamente) uma vez que as mulheres são domésticas e com limitações de acesso ao trabalho formal, da indústria, comércio, serviços (FIALHO, 2012). A emancipação é um processo, há barreiras tradicionais por serem vencidas pois ainda reina o machismo quando se trata de opinar sobre as vontades da mulher na família e na comunidade, devendo estas acatar as decisões que agradam aos homens. A nível local isso se traduz em sinal de respeito para com o marido e para com a família do mesmo.

Alguns homens e famílias, em Chitsombelane, comparado a outras regiões do sul de Moçambique, ainda pouco aceitam a independência financeira da mulher. Estes acreditam que a mulher, ao se tornar independente financeiramente, criam-se condições sociais para esta ombrear com o homem na tomada de decisões, que podem diminuir a autoridade dos homens, motivo que leva as comunidades rurais, principalmente, a não abrirem espaço para o empreendedorismo feminino (KERBERG, 2015).

Não obstante estes condicionamentos estruturais, fundamentados na base da dominação masculina², verificamos que algumas mulheres tem conseguido transpor as barreiras culturais e se envolvido em actividades empreendedoras como por exemplo, venda de hortícolas e produtos advindos da produção local, venda de frutas da época e também em trabalhos de mercearia onde

as capulanas, mas também contribuem para a aquisição de mobiliário doméstico e para apoio aos maridos na construção da casa.

² Sobre dominação masculina ver BOURDIEU (1998).

comercializam produtos de primeira necessidade.

Neste sentido, para que esta realidade demonstre que as mulheres têm capacidade de acionar o seu sentido de protagonismo que lhes permita não permanecer reféns dos obstáculos culturais, colocamos a seguinte pergunta de partida: *Até que ponto o empreendedorismo feminino contribui para o desenvolvimento comunitário no povoado de Chitsombelane, distrito de Mandlakazi, Província de Gaza?*

1.3. Objectivos da dissertação

Geral:

- Analisar a contribuição do empreendedorismo feminino no desenvolvimento comunitário no povoado de Chitsombelane, distrito de Mandlakazi, Província de Gaza.

Específicos:

- Identificar o perfil socioeconómico das mulheres empreendedoras;
- Descrever as características do empreendedorismo feminino no povoado de Chitsombelane;
- Averiguar o nível de participação das mulheres no povoado de Chitsombelane em actividades empreendedoras;
- Verificar a contribuição do empreendedorismo feminino no desenvolvimento comunitário do povoado de Chitsombelane.

1.4. Hipótese

O empreendedorismo feminino contribui para o desenvolvimento comunitário no povoado de Chitsombelane na medida em que cria postos de trabalho, incrementa a distribuição da renda e melhora o poder de compra das mulheres.

CAPÍTULO II -ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEITUAL

A explicação dos fenómenos sociais não se faz de forma descontextualizada porque sempre que olhamos para o real, fazemo-lo a partir duma certa perspectiveteórica (MACAMO, 2004). Nessa ordem de ideias, no presente capítulo apresentamos as teorias usadas na presente pesquisa, nomeadamente, a teoria de SCOTT (1994) sobre *Género como uma categoria útil para a análise histórica* e a teoria de Sujeito da autoria do sociólogo francês Alain TOURAINE (2007).

2.1. Género como uma categoria útil para a análise histórica

Joan SCOTT (1994) nos oferece uma das mais importantes contribuições teóricas sobre o uso da categoria género. A autora refere que as coisas que tem a função de significar algo, tal como as palavras e as ideias, possuem uma história, o que inclui o termo género. Desta forma rejeita palavras que poderiam trazer a noção de determinismo biológico e realça o carácter relacional das definições de feminino e masculino. A autora nota que necessitamos de uma teoria que quebre a influência conceitual daquelas tradições antigas da filosofia (ocidental) que construíram de forma sistemática e repetidamente o mundo de forma hierárquica em termos universais masculinos sem considerar as particularidades feministas.

SCOTT (1994) sublinha que as feministas usavam o conceito de género para se referir à organização social entre os sexos e só mais tarde passaram a usá-lo para enfatizar o carácter fundamentalmente social das distinções fundadas sobre sexo e rejeitar o determinismo biológico implícito nos termos "sexo" ou "diferença sexual".

A introdução de carácter relacional de género levou a uma revisão dos estudos centrados nas mulheres e salientou a necessidade de estudos sobre as *relações de género*, uma vez que a história das mulheres não pode ser vista separada da história dos homens. O mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, não são esferas separadas. Tomá-los como esferas separadas reforça o mito de que a experiência de um sexo tem muito pouco ou nada a ver com o outro sexo. Além disso, a autora acrescenta que o uso do termo "género" para designar relações sociais entre os sexos rejeita radicalmente explicações biológicas que encontram um denominador comum para diversas formas de subordinação feminina.

Portanto, apesar do termo "género", na sua assunção gramatical, designar indivíduos de sexos diferentes (masculino/feminino), na forma como vem sendo usado, nas últimas décadas, pela literatura feminista, adquiriu outras características que enfatizam o aspecto cultural que se situa na dimensão social, diferentemente do conceito de "sexo", que se situa no plano biológico, e assume um caráter intrinsecamente relacional do feminino e do masculino (SCOTT 1994).

Segundo SCOTT (Idem) género remete para construções culturais e sobre a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjectivas de homens e de mulheres. Portanto, a importância desta teoria reside no reconhecimento das diferenças culturais na construção dos papéis de género e nas dinâmicas de relações de poder entre homens e mulheres.

Assim, em Chitsombelane as ideias que existem no imaginário colectivo segundo a qual a mulher deve se confinar no espaço doméstico, reflectem uma crença cultural passível de sofrer transformações em função da dinâmica social e pressão de grupos de interesse que desejam que a mulher participe cada vez mais no espaço público. E para que a mulher participe de forma proactiva no espaço público é importante que ela assuma o protagonismo nesse processo, daí que julgamos relevante adicionar uma segunda perspectiva teórica que destaca a noção de Sujeito em TOURAINE (20007).

2.2. Teoria do Sujeito

Nesta teoria Alain TOURAINE (2007) privilegia a noção do sujeito contrapondo abordagens dos fenómenos sociais através de determinismos externos. TOURAINE (2007) destaca a capacidade reflexiva dos indivíduos enquanto seres portadores de direitos. Neste sentido, o autor defende uma sociologia que não se define como o estudo de sistemas sociais, mas como estudo de actores dotados da sua subjectividade e experiências particulares. Assim, o objectivo deste autor, consiste em fugir da representação de uma vida social reduzida aos efeitos de uma dominação radical que torna impossível a afirmação de sujeito enquanto actores sociais.

No livro *“o mundo das mulheres”*, TOURAINE (2008) mostra que, a afirmação da consciência feminina não se refere aos seus papéis sociais, nem a missão das mulheres de transmitir a vida e ao vínculo que liga as mães aos filhos. Para o autor esses temas devem ser abordados, mas antes importa compreender o sentido sociológico do apelo a ideia do sujeito. De acordo com

TOURAINÉ (Idem), representações como a mulher reprodutora, mulher repouso do guerreiro, mulher dócil, mulher educadora das filhas, mulher publicitada pela exposição do seu corpo, destroem activamente a consciência que a mulher tem de si mesma como criadora de si.

Neste sentido, o principal interesse de TOURAINÉ (Idem), consistiu em analisar a situação das mulheres enquanto actrizes e autoras de suas próprias vidas, através de suas experiências, das suas ideias e suas subjectividades. De acordo com o autor, é preciso ultrapassar a ideia de que existe uma natureza feminina, e entender que as relações e categorias de género são socialmente construídas, ou seja, a ideia de género não pode carregar consigo um determinismo social e ideológico.

As mulheres por muito tempo foram consideradas como não actores, privadas de subjectividades e definidas mais por função do que por sua consciência. Contudo, como demonstra TOURAINÉ (Idem) as mulheres são a principal figura do sujeito e é no domínio da reflexão sobre si e da construção de novos modelos culturais que se manifesta a força do pensamento e da acção pós-feminista.

Neste sentido, no povoado de Chitsombelane apesar de existir uma forte crença patriarcal que confere maiores privilégios aos homens em detrimento das mulheres, notamos exemplos de algumas mulheres que tem chamado para si a condição de Sujeito e tem assumido o protagonismo na participação em actividades geradoras de rendimento através do empreendedorismo.

Portanto, tanto a teoria de SCOTT (1994), assim como a teoria de TOURAINÉ (2007) apresentam uma dimensão social que transmite a ideia que as mulheres não precisam ficar necessariamente reféns dos determinismos sociais porque podem lutar para se afirmar como mulher e protagonistas de suas próprias vidas.

2.3. Conceptualização

Nesta secção clarificamos alguns conceitos que considerámo-los fundamentais para a compreensão do trabalho. De forma específica conceptualizamos dois conceitos incontornáveis para a compreensão da presente pesquisa, nomeadamente: Empreendedorismo e Desenvolvimento Comunitário.

2.3.1. Empreendedorismo

Segundo HISRICH & PETERS (2002) *apud* ANTUNES *et al.* (2022:6), o empreendedorismo se caracteriza por uma capacidade de identificar oportunidades e criar algo inovador sob condições

de incerteza, assumindo os riscos aí envolvidos. Alguns autores como DRUCKER (1974) conceituam o empreendedorismo referindo que:“(...) o trabalho específico do empreendedorismo numa empresa de negócios é fazer os negócios de hoje serem capazes de fazer o futuro, transformando-se em um negócio diferente”. Para SCHUMPETER (1982), o empreendedorismo envolve qualquer forma de inovação que tenha uma relação com a prosperidade da empresa”.

“O empreendedorismo pode ser compreendido como a arte de fazer acontecer com criatividade e motivação. Consiste no prazer de realizar com sinergismos e inovação qualquer projecto pessoal ou organizacional, em desafio permanente às oportunidades e riscos. É assumir um comportamento proativo diante das questões que precisam ser resolvidas” (BAGGIO et.al, 2014).

Dessa forma, pode-se dizer que o empreendedorismo acontece a partir de ideias criativas e inovadoras de pessoas que buscam se destacar no mercado, de maneira imediata ou futura, visando o crescimento da empresa atuante.

Neste contexto, SHANE e VENKATARAMAN (2000) *apud* VERGA e SILVA (2014:11) destacam a importância da compreensão de dois elementos-chave quanto à definição do termo empreendedorismo: o estudo de fontes das oportunidades - o processo de descoberta, avaliação e exploração e o conjunto dos indivíduos que as descobrem. Para os autores, estes dois factores constituem o arcabouço teórico da definição do termo e ao mesmo tempo são elementos fundamentais e presentes nas pesquisas associadas ao empreendedorismo.

Para GARTNER (1985) *apud* VERGA e SILVA (2014: 18) a concepção de um empreendimento se dá por meio de uma inter-relação dos elementos: indivíduo, ambiente, organização e processo. Ou seja, uma visão mais densa a respeito do nível de influência que as variáveis exercem sob o processo de decisão na criação de um empreendimento.

Toda prática empreendedora para se desenvolver necessita do papel do empreendedor, que fomenta as ideias, colocando-as em prática. Associado a isso é preciso que quem pretende empreender também tenha coragem para enfrentar vários obstáculos até conseguir lograr os intentos desejados.

2.3.2. Desenvolvimento Comunitário

A comunidade é entendida como uma instância de construção colectiva e consciente da realidade, na qual os indivíduos têm espaço assegurado de participação e expressão de suas posições. Nesse

espaço de intimidade, a pessoa é reconhecida e confirmada em sua identidade e como pertinente à comunidade, que garante a *“proteção da individualidade frente à natureza e à sociedade”* (GÓIAS, 2005). Ela corresponde a *“um agrupamento humano que expressa um sentimento claro de unidade e constitui um todo à parte”* (Rios apud Góis, 2005: 63).

Ademais, a partir do exposto pode-se entender que comunidade é um agrupamento humano de construção colectiva, que visa a união de esforços entre povo e autoridade governamental para melhorar as condições de vida dos indivíduos. Este conceito resulta de uma fusão de partes entre a união de esforços entre os membros da comunidade e os governantes.

O desenvolvimento comunitário ou desenvolvimento da comunidade, foi adoptado pela primeira vez como estratégia oficial do governo britânico para apoiar suas ex-colónias no seu processo pós-independência (FRANCISCO, 2010). Depois da 2ª Guerra Mundial, concretamente em 1950, esta estratégia foi institucionalizada pela Organização das Nações Unidas (ONU). A partir de então, a ONU começou a empenhar-se na sistematização e divulgação do Desenvolvimento Comunitário (DC) como medida para solucionar o complexo problema de integrar os esforços da população aos planos regionais e nacionais de desenvolvimento económico e social.

Neste sentido, o DC surgiu fundamentalmente no contexto da necessidade de enfrentar problemas como pobreza, saúde, acesso a água e saneamento, educação, formação e a questão da cidadania e participação activa das comunidades locais na gestão dos recursos. Na linha de SANTOS (2002) DC é um esforço para melhorar as condições de vida daqueles que habitam no local (a comunidade e o seu espaço geográfico e cultural) tomando em linha de conta a especificidade desse local. O autor sublinha o facto de que o desenvolvimento comunitário distingue-se do desenvolvimento de uma população em geral porque, o desenvolvimento comunitário procura o desenvolvimento equilibrado e integrado de uma comunidade com o máximo respeito pelos seus valores próprios e procurando tirar maior partido da sua riqueza histórica. Este entendimento está mais alinhado com a perspectiva da presente pesquisa.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA

Neste capítulo apresentamos às decisões que tomamos sobre o processo de recolha de dados com vista a sustentar o nosso argumento. Noutros termos, explicamos todos os procedimentos metodológicos que seguimos na elaboração da presente dissertação.

A presente dissertação conheceu três momentos principais. O primeiro consistiu na elaboração do projecto de pesquisa com o auxílio da literatura relevante para a presente dissertação. No segundo momento, após a aprovação do projecto, realizamos o trabalho de campo no povoado de Chitsombelane em Mandlakazi, província de Gaza. Por fim, de forma integral procedemos com a elaboração da presente dissertação. De forma geral, este capítulo será acompanhado pelos seguintes aspectos metodológicos: tipo de pesquisa; técnicas de recolha de dados; população e amostra; trabalho de campo; técnicas de análise de dados e descrição dos princípios éticos.

3.1. Tipo de Pesquisa

Para a materialização da presente pesquisa optamos pelo *método qualitativo*. Esta orientação nos permitiu compreender de forma detalhada a questão do empreendedorismo feminino e como este contribui nos processos de desenvolvimento comunitário no povoado de Chitsombelane em Madlakazi. Ademais, a escolha por esse método justificou-se pelas potencialidades que o mesmo nos ofereceu na interpretação de significados, motivações, valores e crenças culturais locais que não podiam ser reduzidos à questões meramente quantitativas (MINAYO, 1996; LAKATOS e MARCONI, 2003).

Quanto ao método de abordagem, optamos pelo *estudo de caso*. Esta opção, deveu-se ao facto de ter nos concentrado em um povoado específico de Madlakazi (Chitsombelane) para poder explorar da melhor forma possível as especificidades locais e as dinâmicas das actividades empreendedoras desenvolvidas pelas mulheres, com vista ao desenvolvimento da comunidade. Como afirma GIL (2008) o estudo de caso permite ao pesquisador definir uma unidade específica de análise e na sequência demonstrar a sua complexidade, como aliás, está reflectido na presente pesquisa. Para cumprir com os objectivos da pesquisa, consideramos igualmente o uso do *método dedutivo*, pois sendo a nossa pesquisa de carácter qualitativa, partimos de princípios reconhecidos como gerais sobre a posição da mulher em Chitsombelane para compreender um fenómeno particular, referente ao empreendedorismo feminino e sua contribuição no desenvolvimento comunitário.

3.2. Técnicas de recolha de dados

Para a elaboração da presente pesquisa usamos as seguintes técnicas: pesquisa documental, pesquisa bibliográfica; entrevistas semiestruturadas e observação directa. A pesquisa documental e a revisão bibliográfica, segundo GIL (2008), refere-se a um conjunto de documentos que abordam sobre determinada temática. Nestes termos, estas técnicas foram fundamentais em todas as fases do trabalho, pois em cada etapa, conseguidas através de livros, artigos científicos, disponíveis na internet e nas bibliotecas, foram importantes para constatar o que existia sobre a temática aqui discutida, e para fazer confrontação com os outros estudos que abordam sobre o empreendedorismo feminino e sua contribuição no desenvolvimento comunitário.

Ademais, optamos pelas entrevistas semiestruturadas com o objectivo de captar os aspectos mais subjectivos dos nossos entrevistados. De acordo com MINAYO (1996), as entrevistas semiestruturadas caracterizam-se fundamentalmente por possuir questões mais abertas que dão maior liberdade aos entrevistados no processo de recolha de dados. Assim sendo, as perguntas contidas nas entrevistas semiestruturadas foram previamente formuladas e administradas aos nossos entrevistados em situação de co-presença física. Esta técnica foi relevante porque deu maior liberdade aos entrevistados, oferecendo-lhes mais espaço para discorrer sobre as questões propostas.

Por fim, utilizamos a técnica de observação directa. Esta técnica, segundo GIL (2008), permite ao investigador recolher os dados directamente de onde ocorrem os fenómenos sem a intermediação de uma outra pessoa. Por exemplo, neste plano, a observação directa nos permitiu ver as dinâmicas sociais do povoado de Chitsombelane e durante as entrevistas nos permitiu observar aspectos como: expressão facial, tonalidade da voz e ênfase dada nas respostas.

3.3. População e amostra

A população abrangida nesse estudo foi do povoado de Chitsombelane em Mandlakazi província de Gaza. A amostra dos participantes das entrevistas semiestruturadas foi constituída por um total de trinta (30) indivíduos. Deste número, vinte (20) entrevistas foram com mulheres de Chitsombelane, com idades compreendida entre os 17 aos 64 anos de idade. Dez (10) entrevistados foram homens com idades compreendidas entre os 38 aos 58 anos de idade. De salientar que as entrevistas duravam no máximo 45 minutos.

A selecção dos participantes para as entrevistas ocorreu com base na amostragem não

probabilística por conveniência, uma vez que, as entrevistas semiestruturadas foram efectuadas com indivíduos que, fazendo parte da população, se mostraram disponíveis para responder as questões levantadas e colaborar com a pesquisa. A dinâmica do trabalho de campo fez com que as entrevistas decorressem nas casas e nos locais onde as mulheres desenvolviam as suas actividades empreendedoras.

3.4. Trabalho de campo

A deslocação a Chitsombelane para o trabalho de campo foi no mês de Março de 2024, por coincidir com o período definido pelo nosso cronograma de actividades para a presente pesquisa e, teve a duração de 10 dias, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, tendo cada entrevista durado no máximo 45 minutos.

O processo de recolha de dados contou com o apoio de um assistente de campo, que trabalhou em particular na transcrição dos áudios gravados nas entrevistas semiestruturadas.

Para garantir a qualidade das informações recolhidas, depois da transcrição de cada áudio fazia-se a leitura do texto transcrito com base no áudio, verificando se não havia omissão ou acréscimo de informação transcrita. Feito isto, as entrevistas eram etiquetadas e armazenadas numa base de dados.

3.5. Técnicas de análise de dados

Para esta pesquisa usamos como técnica de análise de dados, a técnica de análise de conteúdo proposto por Laurence BARDIN (2012). A opção por esta técnica é por ser didáctica, facilitando a sequência de tarefas e actividades a serem seguidas para fazer a análise dos dados qualitativos. Desta forma, obedecemos a três fases tal como propostos pela autora. Em primeiro lugar, fizemos a pré-análise para a realização da dissertação, incluindo os dados recolhidos em Chitsombelane de modo a analisar o que fazia mais sentido para a leitura dos dados. Em seguida, entramos para a fase da exploração do material, onde codificamos, enumeramos e categorizamos o material seleccionado. Por fim, fizemos o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação dos mesmos por meio da articulação entre a teoria e a empírica que é um tipo de interpretação controlada (BARDIN, 2020).

3.6. Princípios éticos

Todo o processo de recolha de dados, tratamento, análise, interpretação e elaboração da pesquisa obedeceu cuidadosamente as questões éticas de pesquisa. Neste sentido, ao longo do trabalho buscamos em primeiro lugar, garantir e manter a propriedade intelectual na medida em que fomos citando os autores que utilizamos na presente pesquisa.

Em segundo lugar, adoptamos o consentimento informado que nos permitiu ter o cuidado de consultar os nossos interlocutores sobre a sua disponibilidade ou não em participar na pesquisa, e a amostra que consta neste trabalho foi daqueles/las que aceitaram voluntariamente participar da pesquisa. Por fim, aplicamos o princípio de anonimato, pois evitamos expor os nossos entrevistados. Assim, evitamos colocar seus nomes e/ou qualquer outro aspecto identitário que eventualmente permitisse a fácil localização no terreno.

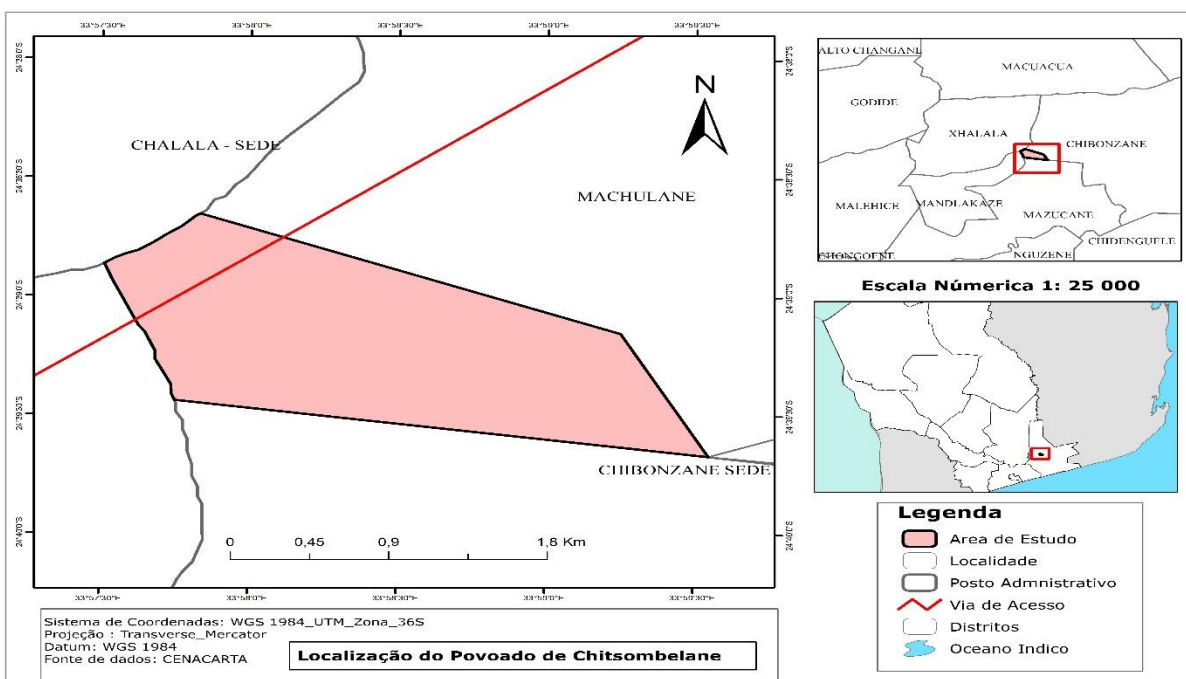
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente capítulo são apresentados e discutidos os resultados do trabalho de campo, seguindo os objectivos da pesquisa destacam-se cinco (05) principais categorias de análise, quais sejam: (i) perfil socioeconómico das mulheres empreendedoras; (ii) Caracterização económica, social e cultural da área de estudo; (iii) Características do empreendedorismo feminino no povoado de Chitsombelane; (iv) Participação das mulheres no povoado de Chitsombelane em actividades empreendedoras; (v) contribuição do empreendedorismo feminino no desenvolvimento comunitário do povoado de Chitsombelane.

4.1. Localização da área de estudo

O povoado de Chitsombelane localiza-se na localidade de Mapandane, no Posto Administrativo Sede de Mandlakazi, no Distrito de Mandlakazi, Província de Gaza, sul de Moçambique. Dista a 4,5 Km da Sede da Vila de Mandlakazi.

Mapa 1: Localização geográfica do povoado de Chitsombelane



Fonte: CENACARTA, 1984.

4.2. Perfil socioeconómico dos entrevistados

As mulheres e homens entrevistados, são do povoado de Chitsombelane, na localidade de Mapandane, Posto Administrativo Sede de Mandlakazi, no Distrito de Mandlakazi, Província de Gaza, sul de Moçambique. As mulheres entrevistadas atenderam ao perfil de idade, nível de escolaridade; estado civil; proveniência e tempo no empreendedorismo.

As vinte (20) mulheres entrevistadas encontram-se na faixa etária dos 17 aos 64 anos de idade e, notamos que o grau de instrução alcançado por estas mulheres prende-se na totalidade no ensino primário, de 3^a à 5^a classe respectivamente, destas, 5 são solteiras, 12 casadas e 3 viúvas. Do número total das mulheres entrevistadas, doze (12) são nativas de Chitsombelane, cinco (5) provém de diferentes pontos da província de Gaza (Chibuto; Macia e Chongoene) e três (3) provém das províncias de Inhambane; Zambézia e Sofala. Em relação ao tempo das mulheres em actividades de empreendedorismo, este varia entre dois (2) a dez (10) anos.

4.3. Caracterização económica, social e cultural da área de estudo

Chitsombelane tem em termos de universo populacional, 1.300 habitantes, dos quais 540 são do sexo feminino e 760 do sexo masculino (INE, 2021). Deste universo populacional, os que tiveram acesso à escolarização formal primária e básica representam 45% (população jovem), e 15% da população adulta. Uma cifra reduzida de 10 % da população tem nível médio de escolaridade. Os demais são analfabetos.

A economia local é maioritariamente movida pela agricultura familiar, contudo há actividade comercial em escala reduzida. As principais culturas são as hortícolas (alface, tomate, repolho e couve), milho e arroz.

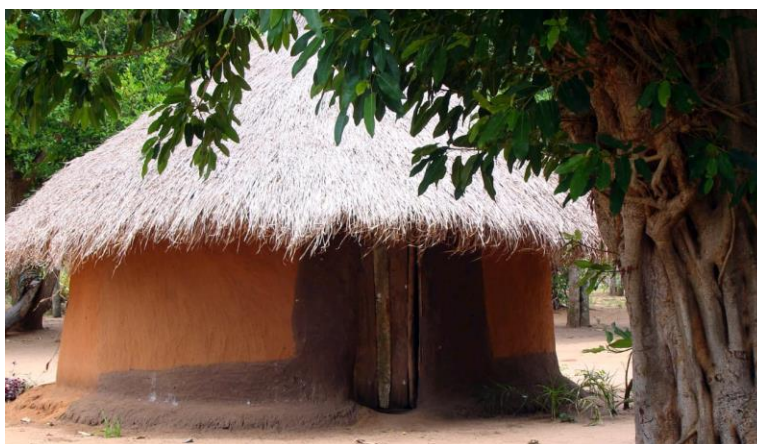
Figura 1. Agricultura familiar em Chitsombelane



Fonte: Dados da pesquisa/campo (Chitsombelane, 16 de Março de 2024)

O tipo de habitações são do tipo "pau a pique" com as seguintes características: redondas, com paredes de caniço e paus, maticadas com argila, com tecto de capim ou caniço. Há casas de madeira e zinco e as construídas de bloco ou tijolo, que correspondem a uma percentagem baixa, e pertencem as famílias com algum grau de empoderamento. A maior parte das habitações têm como casas de banho as latrinas.

Figura 2. Habitações de Chitsombelane - casas do tipo “pau a pique”.



Fonte: Dados da pesquisa/campo (Chitsombelane, 19 de Março de 2024).

As línguas mais faladas em Chitsombelane são o Xichangana, pois, o povoado é oriundo de povo Changana, embora existam algumas pessoas que falam a língua Xichope também falada ao nível do Posto Administrativo de Chidenguele, que tem proximidade territorial com Chitsombelane. Essa proximidade muitas vezes faz com que se verifique migrações de algumas famílias de Chidenguele para se fixarem em Chitsombelane, seja por via de casamentos ou por necessidades comerciais.

As danças tradicionais: *macuaela*, *ngalanga*, *timbila*, *ndlama*, *xingomane*, *xingombela*, o uso dos instrumentos como *xitende* e *xigovia*, o canto e a poesia são manifestações de carácter cultural praticadas em Chitsombelane. Estas dancass ão praticadas por homens e mulheres em momentos de colheitas nas machambas e, também, nas cerimónias de evocação dos defuntos que fazem parte de sua cultura.

A religião predominante é o cristianismo, mas também há práticas de culto aos antepassados que

representam um legado cultural local. A igreja católica tem uma grande influência devido à sua intervenção social na educação que consiste no apoio ao Governo local através da construção de salas de aulas e ofertas de lanche escolar na única escola primária local. A entrevistada 5 referiu:

(...) As igrejas têm jogado um papel importante para a promoção da mulher através da pregação da palavra e educação da comunidade. Transmite a mensagem de igualdade entre homens e mulheres segundo a visão de Deus e apela a sociedade a respeitar as mulheres como criaturas de Deus tal que os homens (E5, F, 26 anos)³.

Esta colocação demonstra que os líderes religiosos jogam um papel importante na construção da visão do mundo que a comunidade deve ter na abordagem sobre as relações de género. Segundo apurado no trabalho de campo, em Chitsombelane, as decisões importantes da vida do agregado familiar são tomadas pelos homens que são os chefes dos agregados familiares. Tais decisões incluem o casamento dos filhos e filhas, sendo que para tal se recorre a prática de *lobolo* pela família do noivo. O lobolo é feito tanto em espécie como em dinheiro. A forma mais comum é a entrega de bovino à família da noiva (uma cabeça geralmente).

Esta realidade revela que o poder de decisão ao nível familiar ainda encontra-se muito centralizado na figura masculina e, frequentemente a prática de lobolo aparece como uma ação de cunho cultural que reforça a subjugação das mulheres por se ter a percepção que uma vez esta ter sido lobolada convém que permaneça submissa ao seu marido. E em muitos casos é essa submissão a causadora de muitas agressões feitas às mulheres.

Outra realidade vivenciada em Chitsombelane são os casamentos prematuros. Estes predominam por razões culturais, mas também pela pobreza das famílias e falta de instrução escolar que aumentam a vulnerabilidade das mulheres. Existem muitos casos em que as mulheres, mesmo em tenra idade, são obrigadas a se casar com homens adultos pela condição económica destes (geralmente os homens que trabalham nas minas da vizinha África do Sul).

A cerimónia de "*kutxhinga*" é uma das mais utilizadas para a "purificação das viúvas ou viúvos" que depois de perder seus maridos são tomadas pelo irmão do falecido. Associado a isto, na cultura

³ Segundo a nossa codificação "E" significa entrevistada ou entrevistado; "F" ou "M" significa o sexo das entrevistadas ou dos entrevistados que no caso pode ser Feminino ou Masculino. A seguir, apresentamos o número que representa a idade das entrevistadas/os.

local há homens casando mais de uma mulher, o que lhes confere certo *status* social. Estas práticas culturais fragilizam as capacidades das mulheres em demonstrar sua plena capacidade em termos de opiniões, desejos que eventualmente iriam contra essas práticas que muitas vezes são impostas a elas.

4.4. Características do empreendedorismo feminino no povoado de Chitsombelane

As oportunidades que Chitsombelane oferece para que as mulheres possam empreender estão relacionadas com a dinâmica da economia local. A agricultura é uma das áreas de actividade onde as mulheres têm empreendido. Porém, para além da agricultura do sector familiar, que mais tem sido explorado pelas mulheres, há possibilidade de se exercer agricultura em grande escala, abarcando vários hectares de terra onde se pode empregar outras mulheres.

De igual modo, há empreendimentos no processamento de cereais com pequenas unidades de moinho para o processamento de milho, como se pode constatar na visita de estudo. Há também mulheres no comércio, com venda de vários artigos desde os provenientes da agricultura, (hortícolas, milho, batata-doce, mandioca) e produtos de primeira necessidade que não se produzem localmente ou que produzem em menor escala (açúcar, óleo, sabão, arroz, etc.).

O negócio de venda de roupas femininas e masculinas, novas ou usadas é também parte dos negócios que são abraçados pelas mulheres e alguns homens em Chitsombelane. Mais, há também mulheres em negócio de corte e costura, mesmo que sem muita expressão dado que a maior parte das roupas que os habitantes compram são já confeccionadas das grandes indústrias e adquiridas na Cidade de Maputo (roupa usada sobretudo. Contudo há também roupa nova) e outras na África do sul, o que faz com que os serviços de corte e costura tenham pouca demanda.

Os serviços de beleza e estética feminina (arte de trançar cabelos e fazer unhas) são também exercidos por mulheres em Chitsombelane, abrindo deste modo mais uma oportunidade de mulheres empreenderem. Os depoimentos anteriormente expostos referem:

Tenho uma machamba e as verduras e hortícolas que consigo extrair utilizo para o consumo familiar e o que sobra vendo no mercado local (E2, F, 42 anos).

Vendo roupa usada, mas não tem muita saída porque alguns preferem aquela que vem de Maputo ou da África do Sul (E4, F, 38 anos).

Tranço cabelo para as minha amigas e para aqueles que me procuram para lhes prestar esses serviços (E18, F, 19 anos).

Esses depoimentos mostram que não obstante o contexto patriarcal em que as mulheres estão inseridas, a partir das suas iniciativas conseguem desenvolver pequenas actividades comerciais que auxiliam o mercado local a suprir algumas necessidades, quer em termos alimentícios, assim como de prestação de serviço na base do que as mulheres sabem fazer.

Outrossim, com base nesses depoimentos as mulheres afirmam que com os ganhos mensais desses empreendimentos conseguem ter lucros mensais que lhes permite comprar comida e custear outras despesas como as de construção de suas casas e sustento dos seus próprios filhos.

4.5. Participação das mulheres no povoado de Chitsombelane em actividades empreendedoras

As mulheres de Chitsombelane buscam seu sustento em diversas actividades descritas no subponto 4.3 da presente pesquisa e do seu trabalho há ganhos monetários que contribuem para sua independência financeira e também para sua participação na edificação de suas casas e melhoria da vida individual e da comunidade, como podemos atentar nos depoimentos a seguir:

Sou viúva, tenho uma banca onde vendo produtos de primeira necessidade, tenho também machambas de onde tiro milhos, batata-doce, mandioca. Para além disso, no dia-a-dia faço tarefas domésticas (E1, F, 60 anos).

As actividades empreendedoras desenvolvidas por essa mulher revelam um sentido de envolvimento que prova que a mulher não foi feita apenas para ficar no espaço doméstico. Ademais, essas actividades empreendedoras contribuem para a mudança de atitudes das comunidades para aceitarem e reconhecer as habilidades e capacidades das mulheres (MUTINDI, 2017).

Entramos igualmente em contacto com um grupo de mulheres que se encontram envolvidas em associações agrícolas para produção local e quando possível inter-provincial como nos revela a seguinte entrevista:

Somos um grupo de mulheres que temos uma associação virada para a

agricultura, cada uma tem quatro (04) hectares e partilhamos os rendimentos advindos desse esforço colectivo (E2, F, 42 anos, Associação de mulheres agricultoras).

Este grupo de mulheres casadas alimentam suas famílias e ajudam a comunidade a ter produtos alimentícios frescos e com boa qualidade. E o seu envolvimento na dinâmica do comércio local lhes permite ter uma certa independência económica não ficando totalmente reféns dos seus maridos. Na mesma lógica de raciocínio encontramos um outro depoimento da nossa entrevistada que nos explicou a sua realidade nos seguintes termos:

Trabalho no processamento de cereais. Infelizmente não posso fazer trabalhos muito pesados porque a minha saúde não permite. Mas estar a fazer essas actividades é uma oportunidade para ganhar o meu próprio dinheiro. O dinheiro que ganho me permite comprar arroz e outros produtos que não são muito produzidos por nós aqui em Chitsombelane. Também compro capulanas e roupa para ficar mais bonita. Na minha casa o meu marido cuida da construção, e eu ajudo na compra de comida (E8, F, 28 anos).

Este depoimento mostra igualmente os benefícios que o empreendedorismo trouxe na vida pessoal, assim como na união de esforços a nível familiar para o alcance na melhoria das condições de vida. O apoio que as mulheres recebem dos seus parceiros ou de outras pessoas revela-se fundamental para que estas se sintam motivada e com força de seguir em frente em suas actividades. O depoimento abaixo reafirma:

(...) Este negócio de moer milho é meu, mas meu marido também por vezes me ajuda nele. Gerimos juntos e quando termina o mês ele divide o dinheiro, dá-me uma parte para comprar o que me interessa como mulher e juntos tiramos o dinheiro para comprar comida e para melhorar a nossa casa e comprar material escolar dos nossos dois filhos (E10, F, 26 anos).

A cooperação e o apoio prestado as mulheres nas suas actividades eleva a sua auto-estima e consideram o seu envolvimento em actividades comerciais, um factor importante no processo de geração de rendimento para o desenvolvimento da comunidade local. A imagem a seguir demonstra a configuração das casas que tem contado com a força da mulher no processo da sua

construção.

Figura 3. Evolução das habitações em consequência da contribuição das mulheres em Chitsomeblane.



Fonte: Dados da pesquisa/campo (Chitsombelane, 22 de Março de 2024).

Existem negócios de comercialização de produtos de primeira necessidade que tem sido realizados pelas mulheres e que tem tido muita aceitação ao nível local. Para efeitos de confrontação podemos acompanhar um dos depoimentos da nossa entrevistada:

Vendo produtos que não têm sido produzidos localmente, falo concretamente do óleo de cozinha, farinha de trigo, cebola, petróleo, velas, fósforo, panelas, pratos, copos, chávenas, talheres, entre outros (E16, F, 31 anos).

Segundo a nossa entrevistada, esse negócio tem bastante procura a nível local, pois, todas as famílias precisam desses produtos. Por exemplo, aqueles que não tem corrente eléctrica precisam de petróleo para usar os candeeiros. O sentido de inter-ajuda é um outro elemento importante quando as mulheres pretendem iniciar os seus negócios, como nos disse uma das nossas interlocutoras:

O meu negócio de produtos alimentares iniciou por chamamento de minhas amigas que já estavam no mesmo. Conheci as esquinas onde se busca o produto, tanto em Macia, Xai-Xai e Maputo mas também há fornecedores que nos trazem os produtos (E, F, 21 anos).

Esta afirmação foi recorrente nas outras entrevistas, onde muitas afirmaram que entraram no comércio a convite uma da outra, que tinham alguma proximidade de convivência no povoado. Isso demonstra igualmente que entre as mulheres existe um espírito de inter-ajuda que as fazem ser solidárias umas com as outras. Este aspecto é fundamental porque ninguém pode fazer algo sozinho, o mundo é construído por um conjunto de esforços na base da solidariedade (GERALDO, s/d).

De acordo com os dados verifica-se que algumas mudanças são notórias em relação à independência financeira das mulheres. Por exemplo, antes de entrarem na actividade comercial, algumas dependiam exclusivamente dos seus maridos (as casadas) e dos seus familiares (as solteiras) e a vida era difícil e de certa forma as tornava vulneráveis para todo o tipo de violência, como podemos constatar nas seguintes falas:

Antes de eu começar este negócio tinha falta de dinheiro para alimentar meus filhos. Há homens que me pediam para copular comigo ou mesmo namorar com promessa de alimentarem minha casa. Eu vi que isso não era boa coisa para mim e lutei para entrar no negócio. Hoje não dependo de homem para comer em minha casa, nem para vestir (E4, F, 38 anos).

Estou feliz por fazer este negócio porque desde sempre ouvia as minhas irmãs mais velhas a reclamarem da dependência financeiramente em relação aos seus maridos. Eu nunca quis isso para mim. Ganho dinheiro que levo para casa e ajudo meu marido nas despesas de casa. Não fico dependente dele para poder comprar o que quero para mim (E15, F, 17 anos).

Encontrei na costura uma oportunidade de fazer dinheiro com o qual ajudo meu marido nas despesas de construção da nossa casa e educação nos nossos filhos que vão a escola. O negócio tem momentos altos e baixos. Os tempos altos são do início do ano e final do ano. No início do ano busca-se organizar as roupas dos meninos para a escola e nos finais de ano são as roupas para as festas (E17, F, 42 anos).

Os dois primeiros depoimentos destacam as várias privações que tinham quotidianamente antes de iniciar as suas actividades empreendedoras e revelam como a opção por estes empreendimentos lhes ajudou significativamente a melhorar a sua condição de vida. No mesmo diapasão, o terceiro

depoimento evidencia a importância da sua actividade empreendedora destacando os efeitos económicos e sociais que conseguiu alcançar.

4.5.1. Dos empecilhos culturais à afirmação das mulheres através do empoderamento feminino

Na presente pesquisa buscou-se igualmente aferir junto das entrevistadas aspectos culturais que limitam o empoderamento das mulheres e a sua independência financeira. Do trabalho de campo realizado notamos que alguns aspectos culturais ainda constituem um obstáculo para o desenvolvimento de plenas iniciativas das mulheres. Nesta ordem de ideias, das entrevistas efectuadas tivemos os seguintes depoimentos:

No meu caso, quando disse a família que queria ter meu próprio negócio, primeiro não encararam bem por causa da minha idade, por ser mulher e ainda ter problemas de saúde⁴ mas porque expliquei que eu queria deixar de depender deles (uma vez que já não tenho marido) e podia ser uma forma de pagar as minhas contas e até ajudar a eles próprios, eles acabaram por aceitar (E1, F, 60 anos).

Na nossa comunidade a mulher deve cuidar da família, ir a machamba é assim como nós vivemos aqui, porém, dependendo de cada pessoa e cada família, pode haver abertura para a mulher desenvolver outras actividades (E16, F, 64 anos).

Eu tive uma experiência de opressão feminina no lar. Casei com um primeiro homem, era um empresário e não queria que eu estudasse, muito menos trabalhar. Colocava comida e tudo dentro de casa, trancava os portões e eu ficava dentro de casa. Quando eu estudava fez questão de me seguir e ir tirar-me da sala de aulas dizendo que sua mulher não devia estudar e tão pouco trabalhar. Anos depois abandonou-me e por acaso nem chegamos a ter filhos juntos, mas atrasou minha vida por me proibir de trabalhar e de estudar. O segundo do qual nos separamos deu-me filhos e, luto sempre por eles (E2, F, 42

⁴ Não se referiu no concreto aos problemas que tem de saúde.

anos).

Associado a esses depoimentos, um dos homens por nós entrevistados que trabalha na construção civil, quando foi questionado sobre a forma como ele vê o empreendedorismo feminino e se ele deixaria a sua esposa estar nesse tipo de empreendimento disse o seguinte:

A minha esposa não pode trabalhar ou abrir negócio próprio porque o lugar da mulher é em casa, a cuidar da família. Eu quando volto do serviço a minha mulher deve estar em casa para me receber e alimentar. Continuou o seu discurso dizendo: “a vida não está fácil para ninguém mas é meu dever como homem garantir o sustento da minha família isso está claro na minha cultura”. Sobre os aspectos culturais foi mais além, referindo que: “a nossa cultura não permite que as mulheres trabalhem fora de casa ou fora da machamba, mas existem aquelas mulheres teimosas e sem marido que gostam de se fazer que tem muito dinheiro e podem construir casas. Para nós é uma vergonha quando mulher trás dinheiro em casa (E1, M, 38 anos).

Com base nos depoimentos percebemos que ainda existe um certo determinismo e até alguns preconceitos na forma como a mulher deve ser vista na sociedade. Ademais, consegue-se notar a influência duma certa linhagem patriarcal que ainda vigora na região sul de Moçambique.

Os depoimentos demonstram que para algumas pessoas em Chitsombelane o papel da mulher deve consistir no cuidado com o lar, com o marido e com os filhos. Esta visão reduz o grau de envolvimento da mulher no espaço público e no exercício da sua plena cidadania, pois de certa forma esta mulher acaba por ser relegada ao segundo plano na esfera social (Casimiro, 2004). Outrossim, é nesse sentido que a literatura existente sobre a participação das mulheres na vida social, frequentemente salienta o patriarcado como um sistema prevalecente na sociedade moçambicana que coloca uma divisão “rígida” de papéis sociais que confere vantagens ao homem em relação a mulher (KERBERG, 2015; VIDAL 2017).

Entretanto, constatámos que não obstante a existência dessas práticas culturais, as mulheres com o seu sentido de sujeito e de actores de suas próprias vidas, conseguem superaras amarras culturais e se afirmam em seus negócios e na vida social e política da sua comunidade, como foi possível constatar nos depoimentos anteriormente apresentados, sobretudo no segundo e no terceiro depoimento. Mais exemplos do protagonismo e de afirmação das mulheres podem ser vistos no depoimento a seguir:

Houve uma altura que eu trabalhava para uma pequena empresa privada, logo depois de me separar do meu marido por causa da violência. Mas, juntei dinheiro e comecei a ir para África do Sul e trago produtos alimentares, mas sobretudo roupas. Dessas roupas acabei conhecendo outros clientes um pouco distantes de Chitsombelane, alguns de Maputo que compram as roupas novas principalmente. Fui gerindo bem o dinheiro sabendo que sou mãe e pai dos meus filhos e fiz crescer o negócio, estou já com plano de construir uma loja para mim e uma mercearia para serem minha reforma (E2, F, 42 anos).

Algo importante que se pode constatar desse depoimento é a consciência clara da importância do empreendedorismo feminino, pois na base dele a nossa entrevistada conseguiu superar os vários obstáculos para poder desenvolver o seu empreendimento e estabelecer uma fonte de renda para si e seus filhos.

Portanto, ainda que existam constrangimentos culturais que dificultam o envolvimento das mulheres em actividades de geração de rendimento, como o empreendedorismo feminino. Estas podem contornar tais obstáculos na base da demonstração da sua relevância na participação económica para a vida pessoal, familiar e comunitária.

4.6. A contribuição do empreendedorismo feminino no desenvolvimento comunitário do povoado de Chitsombelane

O contributo do empreendedorismo das mulheres em Chitsombelane, segundo se apurou, passa pela criação de oportunidades de emprego, pois, para além das próprias mulheres que estão na actividade produtiva, empregam outras pessoas da comunidade permitindo o efeito multiplicador da moeda que circula no negócio de cada uma. Por outro lado, as residências registam um avanço na construção em termos de área bem como na qualidade, à medida que saem das casas de palha e pau para apostar nas de alvenaria. Os depoimentos das entrevistada mostra isso com algum detalhe:

Eu tenho duas pessoas que trabalham para mim e, com os rendimentos que tenho na minha banca e na agricultura consigo pagar-lhes salários; as pessoas daqui da comunidade não precisam apanhar chapa para ir comprar produtos de primeira necessidade fora de Chitsombelane porque eu aqui tenho quase tudo

na minha banca (E1, F, 60 anos).

Mais procurou-se saber quantas pessoas se beneficiam com a sua actividade e em que medida, ao que respondeu: “Para além das duas pessoas que trabalham para mim e eu pago salário, tenho meus netos que eu sustento a escola e lhes dou de comer. Pago também os pequenos transportadores para me trazerem a mercadoria. Trabalho também com este vizinho aqui ao lado⁵ porque ele leva minha mercadoria para vila e eu lhe pago por isso (E1, F, 60 anos).

O depoimento apresentado está em consonância com os pressupostos defendidos pelo desenvolvimento comunitário que sublinham a necessidade de desenvolver acções que concorram para a melhoria das condições de vida dos indivíduos no espaço onde estes se encontram inseridos. Ademais, as oportunidades de emprego oferecidas pelas mulheres empreendedoras para os outros indivíduos da comunidade revelam a inclusão de outras forças sociais na dinamização da economia local.

Outros depoimentos que demonstram as acções das mulheres empreendedoras na contribuição para o desenvolvimento comunitário são apresentados a seguir:

Eu estou numa fase em que consegui com este negócio colocar minha filha na universidade em Maputo e a mesma quando terminou ganhou bolsa de estudos para o Brasil, onde está a fazer mestrado. Tenho certeza de que estas minhas filhas vão desenvolver a comunidade com seus conhecimentos (E2, F, 42 anos).

Estamos a trabalhar com mais de dez pessoas sazonais que por vezes chamamos na fase de limpeza do espaço. Pagamos-lhes salário que lhes ajuda nas suas casas para alimentar suas famílias. Outros já casaram e melhoram suas moradias graças ao emprego que tem (E4, F, 38 anos).

No primeiro depoimento vimos o esforço duma mulher que na base do empreendedorismo feminino conseguiu dar educação a sua filha que neste momento está a fazer o mestrado no Brasil. Esta é uma contribuição relevante porque um indivíduo com instrução é capaz de agarrar as várias oportunidades localmente existentes com o intuito de promover o desenvolvimento da sua

⁵ No momento da entrevista o vizinho estava presente.

comunidade.

No segundo depoimento vimos mulheres que conseguem auxiliar alguns jovens locais a ter acesso a emprego na base do empreendedorismo feminino. Esta contribuição é relevante porque se não fosse pela contribuição dessas mulheres, eventualmente estes e outros jovens estariam no desemprego sem perspectivas para as suas vidas e de suas famílias.

Portanto, acreditamos que se essas acções que são desenvolvidas pelas mulheres empreendedoras em Chitsombelane forem cada vez mais potencializadas podem contribuir significativamente e de forma contínua nos processos de desenvolvimento comunitário.

5. Considerações Finais

A presente pesquisa analisou o empreendedorismo feminino e a sua contribuição no desenvolvimento comunitário, concretamente no povoado de Chitsombelane, distrito de Mandlakazi, Província de Gaza.

A análise dos dados foi realizada com base no uso do método qualitativo e entrevistas semiestruturadas. Com recurso as perspectivas teóricas de Joan Scott (1994) sobre *Género como categoria útil para a análise histórica* e a teoria de Sujeito de Alain Touraine (2007) foram analisados os dados sobre o empreendedorismo feminino nos processos de desenvolvimento comunitário em Chitsombelane.

Da análise efectuada sobre os dados, constatou-se que o empreendedorismo feminino no povoado de Chitsombelane traz benefícios que contribuem para o desenvolvimento da comunidade local através da criação de postos de trabalho, incremento e distribuição de renda, melhoria do poder de compra das mulheres. Há mulheres que ao amanhecer dependiam dos maridos e hoje têm independência financeira. Há unidades de moageiras, salões de cabeleireiro, mercearias e mini boutique de venda de roupa nova e usada fruto de iniciativas de mulheres empreendedoras. As famílias que têm as mulheres a empreender registam avanços nas construções de residências de forma melhorada.

Entretanto, não obstante esses avanços em Chitsombelane ainda encontramos homens que continuam a querer dominar, oprimir e limitar as mulheres na realização dos seus empreendimentos. Usam para o efeito as crenças culturais que reafirmam que o lugar da mulher é no cuidado com o lar, com o marido e com os filhos. Essas crenças limitam as mulheres de explorarem todo o seu potencial e de se envolver no empreendedorismo. Por exemplo, procurar proibir a mulher de estudar, trabalhar, é contribuir negativamente para o desenvolvimento dela e da comunidade.

Contudo, mesmo numa situação como esta, há que destacar a força que as mulheres demonstram para contornar essas limitações culturais de cunho patriarcal e desenvolver o empreendedorismo que lhes permite alcançar o empoderamento. Nesta base, encontramos em Chitsombelane mulheres envolvidas em diversas áreas empreendedoras, como são os casos de corte e costura, agricultura, comércio formal e prestação de serviços.

No geral, a hipótese de que o empreendedorismo feminino no povoado de Chitsombelane traz benefícios que contribuem para o desenvolvimento da comunidade local através da criação de

postos de trabalho, incremento e distribuição de renda, melhoria do poder de compra das mulheres é validada, mas há que destacar que algumas mulheres ainda permanecem reféns dos princípios culturais opressores.

Em Chitsombelane a mudança de abordagem sobre as relações de género é relevante e necessária para que a comunidade acompanhe as actuais dinâmicas da sociedade e inclua as mulheres e tantos outros actores sociais na busca pelas melhores perspectivas de desenvolvimento. A criação de associações locais que defendam os direitos da mulher e demonstrem a relevância da sua participação na sociedade pode ser um dos caminhos para o apetrechamento dos avanços que têm se registado em Chitsombelane.

Referências bibliográficas

- AICS - Agência Italiana de Cooperação para o Desenvolvimento em Moçambique. (2018). *Apoio ao empoderamento socioeconómico de mulheres moçambicanas: reflexões e recomendações do programa “PESED”*. Maputo.
- AMORIM, R. O. e BATISTA, L. E. (2017). *Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento*. Disponível http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170602115149.pdf. (Acesso em: Novembro de 2022).
- ANTUNES, M. (2002). *O caminho do empoderamento: articulando as noções de desenvolvimento, pobreza e empoderamento*. In: ANTUNES M. e ROMANO, J. O. *Empoderamento e Direitos no Combate à Pobreza*. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil.
- ANTUNES, S. R. A. et. al. (2022). *Empreendedorismo feminino*. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wpcontent/uploads/sites/10001/2022/03/EMPREENDEDORISMO-FEMININO-96-a-108.pdf>. (Acesso em: Outubro de 2022).
- BAGGIO, A.F. e BAGGIO, D.K. (2014). *Empreendedorismo: conceitos e definições*. Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia.
- BENEMOND, R. S. (2017). *Empreendedorismo feminino e os aspectos sustentáveis para a implementação de escolas de idiomas*. Disponível em: https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/664/1/MONOGRRAFIA_EmpreendedorismoFemininoAspectos.pdf https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/664/1/MONOGRRAFIA_EmpreendedorismoFemininoAspectos.pdf. (Acesso em: 19 de Outubro de 2022).
- CARMO, H. (2017). *Desenvolvimento comunitário*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Aberta.
- CHIAVENATO, I. (2017). *Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor*. 2.ed. São Paulo: Saraiva.
- CHINGORE, T. T. (2021). *Empoderamento e equidade de género: os desafios atuais da mulher moçambicana*. Quelimane: Universidade UniLicungo.
- CONCEIÇÃO, A. C. L. (2009). *Teorias feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de*

gênero.

CONCEIÇÃO, Í. e Quenane, J. R. (2013). *Representação Política das Mulheres no Parlamento Moçambicano Análise sobre o Acesso e Exercício do Poder Legislativo, 2004- 2012*. Maputo.

DANTAS, E.B. (2010). *Empreendedorismo e intra-empreendedorismo: é preciso aprender a voar com os pés no chão*. Maputo.

DONIAK, F. A. (2002). *Participação comunitária no processo de desenvolvimento local estudo do caso do município de rancho queimado*. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30363738.pdf> <https://core.ac.uk/download/pdf/30363738.pdf> (Acesso em: Novembro de 2022).

DORNELAS, J. C. (2007). *Empreendedorismo na prática: mitos e verdades do empreendedor de sucesso*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora.

DRUCKER, P. (1974). *O gerente eficaz*. São Paulo. <https://core.ac.uk/download/pdf/30363738.pdf> ulo: Editora Zahar.

FIALHO, M. O. H. C. (2012). *Projeto de Intervenção Empreendedorismo Feminino no Poder Local* Mestrado em Desenvolvimento Comunitário e Empreendedorismo. Beja.

FIDH - Fundação Internacional dos Direitos Humanos e LDHM - Liga moçambicana dos Direitos Humanos. (2007). *Direitos de Mulher no Moçambique dever de Terminar Práticas Ilegais*. Disponível em: <https://www.fidh.org/IMG/pdf/mz042008p.pdf> (Acesso em: 16 de Outubro de 2022).

FRANCISCO, A. Á. (2010). *Desenvolvimento Comunitário em Moçambique: Contribuição para a sua compreensão crítica*. 2ª ed. Namacura: Editora BS.

GIL, A. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5ª ed. São Paulo: Atlas editora.

GÓIS, C. W. L. (2005). *Psicologia comunitária – atividade e consciência*. Fortaleza: Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais.

JONATHAN, E.G. (2005). *Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida*. Revista Psicologia em Estudo, Maringá.

KARBERG, S. (2015). *Participação política das mulheres e a sua influência para uma maior capacitação da Mulher em Moçambique*, FES.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*, 5ª ed. editora Atlas.

MACAMO, E. (2003). *Os Sentidos da Tradição: dinâmicas da mudança no mundo rural moçambicano*. Maputo: Livraria Escolar Editora.

MACAMO, E. (2004). *A leitura sociológica*. Maputo: Imprensa Universitária.

MANUAL DE ESTILO APA (2020). American Psychological Association (APA) 7ª edição.

MAÚNGUE, H. B. (2020). *Mulher moçambicana: cultura, tradição e questões de género na feminização do HIV/SIDA*. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/fBmW4BJ54y6SkdNdhpFbLBP/?lang=pt>. (Acesso em: 16 de Outubro de 2022).

MINAYO, M. C. et al. (1996). *Pesquisa social, teoria, método e criatividade*, 14ª ed. Vozes. São Paulo.

MUNHOZ, G. S. (2000). *Quais as contribuições que o estilo feminino de liderança trazem para as organizações empreendedoras?* Anais do I EGEPE, Maringá.

MUTINDI, D. (2017). *Avaliação intermediária do projeto da ONU Mulheres sobre a expansão do papel das mulheres na produção agrícola e manejo de recursos naturais como estratégia para melhor segurança alimentar e resiliência as mudanças climáticas*.

NHANTUMBO, S. (2019). *Trajectórias de mulheres empreendedoras num bairro da cidade de Maputo*. [Licenciatura em Antropologia]. Maputo: Faculdade de Letras e Ciências Sociais/ Universidade Eduardo Mondlane.

NOVELA, B. (2009). *Desenvolvimento comunitário: Práticas e percepções*. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/9803/1/Desenvolvimento_Comunitario.pdf. (Acesso em: Novembro de 2022).

OLIVEIRA, A. V. (2008). *A teoria de JundithButler: implicações nas estratégias de luta do movimento feminista*. Disponível em:

<http://neim.ufba.br/site/arquivos/file/anais/anaisteoriafeminista.pdf>. (Acesso em: Fevereiro de 2023).

OSÓRIO, C. & Macuácu, E. (2013). *Os ritos de iniciação no contexto actual: ajustamentos, rupturas e confrontos construindo identidades de género*. Maputo: WLSA Moçambique.

PAIVA, M. S. (1997). *Teoria Feminista: O desafio de tornar-se um paradigma*. Vitória - Espírito Santo.

QUAK, E. & Barenboim, I. (2022). *Empreendedorismo feminino e informalidade em países de baixa e média renda: o que aprendemos até agora?* Série de artigos MUVA. Brighton: Instituto de Desenvolvimento de estudos.

UNESCO. (2017). Relatório submetido a ONU Mulheres, representação de Moçambique. Gaza.

Rubin, G. (1975). *O Trafico de mulheres. Notas para a política económica do sexo*. In: R. Reiter (ed.), *Toward an Anthropology of Women*. New York.

SAMUEL, L. (2022). *O contributo do empreendedorismo feminino no empoderamento socioeconómico da mulher: Estudo de caso (Pemba, Moçambique)*. Universidade Católica de Moçambique.

SANTANA, J. (2009). *Mulheres de Moçambique na revista Tempo: o debate sobre o lobolo (casamento)*. Revista de História, Salvador.

SANTOS, H. (2002). *Desenvolvimento comunitário e educação: Duas faces da mesma moeda*, 7ª ed. Maputo: Texto Editora.

SARAIWA, P. M. (2015). *Empreendedorismo: do conceito à aplicação, da ideia ao negócio, da tecnologia ao valor*.

Disponível em: <https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/38482/1/Empreendedorismo%20Ed.pdf> (Acesso em Outubro de 2022).

SARDENBERG, C. M.B. (2006). *Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista*. I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO. Bahia: NEIM/UFBA.

SAWAIA, B. B. (1996). *Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade*. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.). *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes.

SCHUMPETER, J. A. (1982). *Teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Abril Cultural.

SCOTT, J. (1994). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Recife: SOS Corpo e Cidadania.

SERRA, A. (2007). *Inquérito sobre a situação das mulheres de negócios em Moçambique*. IFC. Maputo. Disponível em: <http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num3/artigos/art9.htm>>. (Acesso em 12 de Outubro de 2022).

SUSANNE, B. F. G. & Haspels, N. (2013). *Género e empreendedorismo: Um Passo Em Frente. Mulheres e Empreendedorismo: Manual de Formação e Guia de Recursos*. Lisboa: CIG.

TOURAINE, A. (2007). *El sujeto. Unnuevo paradigma para comprender el mundo de hoy*. Buenos.

TOURAINE, A. (2008). *O mundo das mulheres*. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes.

UNAIDS. (2014). United Nations Programme On Hiv/Aids. *The gapreport*. Geneva: UNAIDS.

VERGA, E. & SILVA, L. F. S. (2014). *Empreendedorismo: Evolução histórica, definições e abordagens*. Disponível em: <https://www.regepe.org.br/regepe/article/download/161/pdf>. (Acesso em Outubro de 2022).

VIDAL, S. (2017). *A participação política das mulheres em Moçambique e na Tanzânia: Um estudo comparativo*. [Dissertação de Mestrado em Estudos Africanos]. Lisboa: ISTC, Instituto Universitário de Lisboa.

YIN, R. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman.

Apêndices

Apêndice 1

- **Codificação da identidade dos entrevistados**

Os nomes usados na pesquisa são todos fictícios, tendo sido atribuídos 20 nomes aleatórios em ordem alfabética para as mulheres, desde a primeira até a vigésima mulher e igualmente para os homens.

Ordem	Sexo	Nome codificado (e idade)
Mulheres		
Entrevistada 1	Feminino	F, 60
Entrevistada 2	Feminino	F, 42
Entrevistada 3	Feminino	F, 53
Entrevistada 4	Feminino	F, 38
Entrevistada 5	Feminino	F, 26
Entrevistada 6	Feminino	F, 41
Entrevistada 7	Feminino	F, 49
Entrevistada 8	Feminino	F, 28
Entrevistada 9	Feminino	F, 19
Entrevistada 10	Feminino	F, 26
Entrevistada 11	Feminino	F, 31
Entrevistada 12	Feminino	F, 19
Entrevistada 13	Feminino	F, 47

Entrevistada 14	Feminino	F, 38
Entrevistada 15	Feminino	F, 17
Entrevistada 16	Feminino	F, 64
Entrevistada 17	Feminino	F, 42
Entrevistada 18	Feminino	F, 19
Entrevistada 19	Feminino	F, 25
Entrevistada 20	Feminino	F, 21
Homens		
Entrevistado 1	Masculino	M, 38
Entrevistado 2	Masculino	M, 43
Entrevistado 3	Masculino	M, 58
Entrevistado 4 a 10	Masculino	

Apêndice 2: Guião de pesquisa

Tema da pesquisa:

Empreendedorismo Feminino e Desenvolvimento Comunitário: Estudo de Caso do Povoado de Chitsombelane.

Pergunta de partida: *até que ponto o empreendedorismo feminino contribui para o desenvolvimento comunitário no povoado de Chitsombelane, distrito de Mandlakazi, Província de Gaza?*

Hipótese

O empreendedorismo feminino contribui para o desenvolvimento comunitário no povoado de Chitsombelane na medida em que cria postos de trabalho, incrementa a distribuição da renda e melhora o poder de compra das mulheres.

Objectivo geral

- Analisar a contribuição do empreendedorismo feminino no desenvolvimento comunitário no povoado de Chitsombelane, distrito de Mandlakazi, Província de Gaza.

Objectivos específicos

- Identificar o perfil socioeconómico das mulheres empreendedoras;
- Descrever as características do empreendedorismo feminino no povoado de Chitsombelane;
- Averiguar o nível de participação das mulheres no povoado de Chitsombelane em actividades empreendedoras;
- Verificar a contribuição do empreendedorismo feminino no desenvolvimento comunitário do povoado de Chitsombelane.

Apêndice 3: Guião de Entrevista para as Mulheres de Chitsombelane

Data:	Local: Chitsombelane
Hora de Início da Entrevista:	Hora do Término da Entrevista:
Duração da Entrevista:	

1. Nome	
2. Idade	
3. Estado civil	Solteira () Casada () Lobolada () Viúva () Divorciada ()
4. Que tarefas principais realiza no seu dia-a-dia?	
5. Alguma vez procurou um emprego? Se NÃO, porquê?	
6. Já ouviu falar de empreendedorismo? O que é que sabe sobre isso?	
7. Seu marido e/ou família deixam as mulheres irem ao trabalho ou fazerem seus negócios?	
8. Em que actividade trabalha para além de cuidar da casa?	
9. Como é que o seu marido e/ou família encarou a ideia de desenvolver uma actividade comercial?	

10. Qual é a ajuda que a sua actividade trás para a comunidade?	
11. Quantas pessoas se beneficiam com a sua actividade e em que medida?	
12. Como é que conseguiu financiamento ou crédito para iniciar o seu negócio?	
13. Faz parte de alguma associação feminina daqui de Chitsombelane?	
14. Nos hábitos culturais locais, as mulheres podem ir ao serviço ou ter seus negócios tal como os homens?	
15. Diga os aspectos positivos e negativos de as mulheres estarem a trabalhar ou a fazer negócios aqui em Chitsombelane.	
16. Qual é o papel de líderes políticos, religiosos, comunitários desta comunidade para que a promoção das mulheres de Chitsombelane?	

Apêndice 4: Guião de Entrevista para os Homens de Chitsombelane

Data:	Local: Chitsombelane
Hora de Início da Entrevista:	Hora do Término da Entrevista:
Duração da Entrevista:	

1. Nome	
2. Idade	
3. Estado civil	Solteiro () Casado () Viúva () Divorciado ()
4. Que tarefas principais realiza no seu dia-a-dia?	
5. Já ouviu falar de empreendedorismo? O que é que sabe sobre isso	
6. Sua esposa pode trabalhar ou abrir negócio próprio?	
7. Existe algum problema para a relação conjugal se a sua esposa trabalhar?	
8. A sua esposa faz alguma poupança de dinheiro? Quais (caso a resposta seja afirmativa)	Se _____ Sim _____ pode especificar?_____

9. Em que tipo de actividades as mulheres mais trabalham nesta comunidade?	
10. Consegue suprir todas as despesas do lar, sendo o único provedor na família?	
11. O que dizem as pessoas da comunidade e sobretudo os homens sobre as mulheres que constroem casas próprias ou cuidam das despesas de casa?	
12. O que acha da participação das mulheres nas despesas de casa? Ou na construção da casa?	
13. Nos hábitos culturais locais, as mulheres podem ir ao serviço ou ter seus negócios tal como os homens?	
14. Os líderes políticos, religiosos, comunitários desta comunidade tem feito alguma coisa para que a promoção das mulheres emChitsombelane?	